



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA AGROALIMENTAR – CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SISTEMAS AGROINDUSTRIAIS –
PPGSA**

**EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL: diagnóstico da agricultura familiar
orgânica no município de Cajazeiras/PB**

EDIVÂNIA MARIA LEITE DA SILVA

**POMBAL – PB
2019**

EDIVÂNIA MARIA LEITE DA SILVA

EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL: diagnóstico da agricultura familiar orgânica no município de Cajazeiras/PB

Dissertação apresentada à Universidade do Federal de Campina Grande – UFCG, campus Pombal como parte das exigências do programa de Pós-Graduação em Sistemas Agroindustriais, para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Antônio Fernandes Filho

**POMBAL – PB
2019**

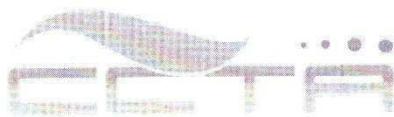
S586e Silva, Edvânia Maria Leite da.
Empreendedorismo sustentável: diagnóstico da agricultura familiar orgânica no município de Cajazeiras/PB / Edvânia Maria Leite da Silva. – Pombal, 2020.
60 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Sistemas Agroindustriais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar, 2019.
“Orientação: Prof. Dr. Antônio Fernandes Filho”.

Referências.

1. Agricultura sustentável. 2. Agroecologia. 3. Gestão empreendedora. I. Fernandes Filho, Antônio. II. Título.

CDU 631.147(043)



Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar



CAMPUS DE POMBAL

EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL: DIAGNÓSTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA FAMILIAR ORGÂNICA NO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS-PB

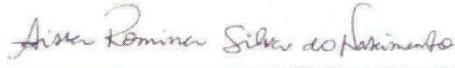
Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Sistemas Agroindustriais do Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Pombal-PB, em cumprimento às exigências para obtenção do Título de Mestre (M.Sc.) em Sistemas Agroindustriais.

COMISSÃO EXAMINADORA


Prof. D.Sc. Antônio Fernandes Filho
Orientador


Prof. D.Sc. Patricio Borges Maracajá
Examinador Interno


Prof. D.Sc. José Cezário de Almeida
Examinador Interno


Prof.ª D.Sc. Aissa Romina Silva do Nascimento
Examinador Externo

Pombal - PB, 6 de setembro de 2019.

**Alimentar nove milhões de pessoas de um jeito
verdadeiramente sustentável será um dos maiores desafios
que nossa civilização já teve de enfrentar.**

Foley, p. 31, 2018

AGRADECIMENTOS

Gratidão

Gratidão à vida, que por essa dádiva da vida, me veio inspiração para este trabalho, que eu tenha sabedoria de ser sujeito atuante na construção de caminhos na luta de cuidar do planeta, tornando-o capaz de vivermos em dignidade e cuidando do nosso corpo de forma saudável.

Gratidão a DEUS, que sinto presente em mim, sinto presente à minha volta nos momentos mais preciosos, me perdoe se às vezes não sei escutar suas palavras. Gratidão à toda ajuda divina, espiritual, como sempre peço tanto, agora só agradeço

Gratidão à minha família, campo de amor incondicional, de aprendizado e evolução, inicialmente à minha mãe Maria (impossível não me emocionar), ela que em tantos momentos foi mãe, pai, amiga, exemplo de decência e força (Mãe, sou mestre). Ao meu pai, que de diversas formas se faz presente na minha trajetória, à minha tia Mocinha, tão amada, uma segunda mãe, à minha cunhada Corrinha, que me fez acreditar que era possível, lutou junto comigo, e claro, aos meus amados irmãos de sangue, de fé e companheirismo, vocês dois são exemplos pra mim, são motivos para que eu queira ser melhor, tão dignos do meu amor e da minha dedicação, acreditaram em mim em momentos que eu mesma duvidei., sei o quanto vocês se alegram por essa conquista, por todas da minha vida.. Ao meu amor, meu lindo, meu Aldo, que compreendeu minha ausência, acompanhou essa batalha, me incentivou, me deu colo e compreensão quando tanto precisei. Eu amo todos vocês, isso é uma das razões do meu viver

Gratidão a Patrício por tornar esse mestrado possível, ele foi um divisor na minha vida. À Aline, que com seu olhar de amor para com todos, me acolheu, me ajudou, me ensinou, conte comigo sempre.

A todos os produtores, à Socorro da CPT, por proporcionarem alimentos saudáveis e por abrir espaço para minha pesquisa.

À amiga de infância Maria do Carmo, por sempre ter me incentivado e me apresentado ao meu orientador. Ao professor Antônio Fernandes que acolheu essa orientanda perdida, rs, foi assim que me senti, acolhida, vi seu olhar de compreensão e carinho em momentos importantes.

Ao meu primeiro orientando, Júnior, que acreditou em mim e me estimulou à pesquisa.

À Fransquinha, que desde minha infância me proporcionou ensino de qualidade, dando à minha querida mãe tudo que ela mais precisava, o melhor da sua linda amizade. A senhora é iluminada, esteja em paz, olhando por nós, seu neto Edgley Segundo (foi esse mestrado que nos aproximou) continuou sua bondade, me proporcionando um grande presente, a oportunidade em ensinar, desejo estar sendo digna dessa tarefa. À FAFIC, me sinto plena quando sinto que cumpro a missão de educar.

Às meninas que cuidaram da minha mãe com tanta dedicação, me proporcionando paz nos momentos que estive ausente, na certeza que ela estava em boas mãos.

À querida Deci, são tantos motivos para te agradecer, mas inevitável lembrar da sua caridade, do seu amor comigo, uma desconhecida, será? Me alegra mais acreditar que foi um reencontro.

Gratidão à Elisa, minha forte e inspiradora amiga, e a Gessé, por se doar a mim em momentos que nem eu estava me suportando.

Ao amigo Danilo, exemplo de companheirismo e ética, foi mais fácil com seu apoio.
São muitos a agradecer, sou verdadeiramente abençoada. Sigamos fortes e felizes. Amém.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – caracterização da agricultura familiar a partir de sua comparação com a agricultura patronal.....	17
QUADRO 2 – As dez características comportamentais empreendedoras identificadas por McClelland	37
QUADRO 3 – FRUTAS	47
QUADRO 4 - LEGUMES/FRUTOS/RAÍZES.....	47
QUADRO 5 – HORTALIÇAS.....	48
QUADRO 6 – OUTROS PRODUTOS.....	48

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – A FEIRA.....	41
IMAGEM 2 – BANNER DE IDENTIFICAÇÃO DA BANCA.....	42
IMAGEM 3 – PROJETO DE IRRIGAÇÃO DO IFPB.....	44
IMAGEM 4 – AÇÚDE DO ASSENTAMENTO SANTO ANTÔNIO.....	44
IMAGEM 5 – FOLHA DO PÉ DE ACEROLA COM DANOS DA MOSCA BRANCA.....	51
IMAGEM 6 – PÉ DE PIMENTA DE CHEIRO.....	52
IMAGEM 7 – PÉ DE PIMENTA MALAGUETA.....	52

RESUMO

A reflexão de Foley (2018), de que alimentar a população de um jeito verdadeiramente sustentável será um dos maiores desafios que a civilização terá que enfrentar, foi fonte de inspiração para este trabalho, bem como, a percepção de que o empreendedorismo é gerador de inovação, desenvolvimento e sustentabilidade. O trabalho teve como objetivo traçar um diagnóstico da agricultura familiar agroecológica no município de Cajazeiras/PB, identificando fatores de sustentabilidade e empreendedorismo na Feira Sertão Agroecológico. Inicialmente se embasando em autores como Nogueira, Francisco, e Caporal, para distinguir a agricultura convencional da agricultura familiar, em seguida, entre outros autores Cavalcante, Coutinho e Vilela apontam a agroecologia como alternativa sustentável para a questão alimentar e ambiental. A sustentabilidade em seus três pilares são defendidos por Alvarez;Mota, Cândido Lira, e Ehlers.. O empreendedorismo é apresentado por Dolabela (2008), Chiavenato, (2007) entre outros. A metodologia adotada foi uma pesquisa exploratória, qualitativa e estudo de caso, a análise dos dados partiu da percepção da autora sobre o empreendedorismo, com embasamento na teoria e levantamento de informações realizado na feira, nas cooperativas e nas produções. O diagnóstico apresenta uma crescente demanda pelos produtos agroecológicos, pôde-se ainda constatar produtores com atitudes empreendedoras que precisam ser estimuladas, como: parcerias com instituições que proporcionam conhecimento e recursos tecnológicos, entrega de produtos em domicílio, identificação das necessidades de mercado. As dificuldades identificadas, como a falta de recursos para produção, em especial a falta d'água, pode ser amenizada através de perfuração poços, mas que gera investimentos inviáveis para os produtores, gerando outras necessidades como a energia solar. Essas dificuldades hoje enfrentadas pelos cinco produtores, feirantes, precisam ser resolvidas através de iniciativas públicas e privadas, para que estes agricultores acreditem no seu potencial produtivo, encarando suas produções como verdadeiros empreendimentos, e os resultados alcançados inspirem outros produtores e novas gerações.

PALAVRAS-CHAVE: agricultura sustentável; agroecologia; gestão empreendedora.

ABSTRACT

The Foley's reflection (2018) about the feeding of the population with a truly sustainable way will be one of the biggest challenges that the civilization will have to face and it was source of inspiration for this research, as well as the perception that the entrepreneurship is generator of innovation, development and sustainability. The work aims to charts a diagnostic about the agroecological familiar agriculture in Cajazeiras city/PB, identifying sustainability and entrepreneurship factors in the Fair of Agroecological Hinterland. At first, it was distinguished the conventional agriculture from the familiar agriculture through the contributions by authors such as Nogueira, Francisco and Caporal. Then, others writers such as Cavalcante, Coutinho and Vilela point the agroecology as sustainable option for the environmental and food issue. The three principles of sustainability are defended by Alvarez & Mota, Candido Lira, and Ehlers. The entrepreneurship is presented by Dolabela (2008), Chiavenato, (2007), among others. The chosen methodology was an exploratory and qualitative research, in addition to a case study. The data analysis was emerged from the perception of the author about the entrepreneurship with basis on the theory and information gathering developed in the fair, cooperatives and productions. The diagnosis presents a growing demand by the agroecological products; it was verified producers with entrepreneurial actions that need to be stimulated like partnerships with institutions that provide knowledge and technological resources, delivery of products at home, identifying the needs of market. The difficulties encountered like the lack of resources for the production, in particular the water shortage that can be mitigated through the well drilling, but it generates unviable investments to the producers, generating others needs like the solar energy. Currently that difficulties faced by five producers and merchants need to be resolved through the public and private initiatives so that farmers believe in theirs productive potential, facing their productions as true entrepreneurships and the achieved results inspire others producers and new generations.

KEYWORDS: sustainable agriculture; agroecology; enterprising management.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	13
2.1 OBJETIVO GERAL.....	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
3.1 FUTURO DA ALIMENTAÇÃO: Agricultura Familiar X Agricultura Moderna	14
3.1.1 Agricultura Sustentável – Agroecologia	21
3.2 SUSTENTABILIDADE – É POSSÍVEL ALIMENTAR O MUNDO, DE FORMA SAUDÁVEL, PRESERVANDO O PLANETA?.....	24
3.2.1 Sustentabilidade Ambiental	25
3.2.2 Sustentabilidade Social	28
3.2.3 Sustentabilidade Econômica	30
3.3 EMPREENDEDORISMO.....	31
3.3.1 Empreendedorismo: Motor de Desenvolvimento Local	33
3.3.2 Educação Empreendedora	35
4 METODOLOGIA	39
5 RESULTADOS	41
5.1 A FEIRA.....	41
5.2 PRODUÇÃO	43
5.2.1 Assentamento Santo Antônio	43
5.2.2 Assentamentos Valdeci Santiago, Edivaldo Sebastião e Novo Horizonte	46
5.3 PRODUTOS E PREÇOS COMERCIALIZADOS	47
5.4 CPT	49
5.5 MAIORES DESAFIOS ENFRENTADOS NA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS AGROECOLÓGICOS NO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

1 INTRODUÇÃO

A agricultura foi fortemente afetada pelos grandes avanços tecnológicos que ocorreram nas últimas décadas. Esse processo foi particularmente penoso aos pequenos produtores rurais, por fatores como, pouco recurso tecnológico e intelectual, falta de capital próprio, a dificuldade de acesso a financiamentos para acompanharem as constantes inovações, e em especial, à falta de percepção da produção rural como um empreendimento, que como qualquer outro negócio, necessita de gestão de recursos, visando sua expansão e permanência no mercado de forma lucrativa e sustentável em longo prazo.

Analisando todas essas dificuldades enfrentadas rotineiramente pelos pequenos produtores, que acabam afetando o desempenho dos empreendimentos rurais, foi identificado que vários desses fatores fogem ao controle da unidade de produção. A alternativa é buscar soluções na variável que está mais diretamente vinculada ao seu controle, a gestão da produção, ou seja, a disponibilização de técnicas gerenciais apropriadas para a agricultura familiar visando contribuir para a promoção da sustentabilidade econômica, social e ambiental desses empreendimentos (LOURENZANI, *et. al*, 2008). Pois, como afirmam Nogueira e Schmukler “[...] a agricultura de pequeno porte deve ser tratada como um empreendimento empresarial e por isso deve conseguir sobreviver de forma independente nos mercados em que atua”, onde “[...]a disponibilização de técnicas gerenciais apropriadas para a agricultura familiar visa contribuir para a promoção da sustentabilidade econômica desses empreendimentos” (LOURENZANI, *et. al*, p. 01, 2008)

Diante da importância socioeconômica que agroecologia e agricultura familiar assumem para o agronegócio brasileiro, em que Lourenzani, *et al* (2008) contribuem com essa constatação quando afirmam que o desenvolvimento da agricultura familiar é entendido como uma das pré-condições para uma sociedade economicamente mais eficiente e socialmente mais justa, este trabalho levanta um questionamento pertinente para uma agricultura familiar sustentável: as práticas de gestão adotadas pelos produtores familiares da Feira Sertão Agroecológico da cidade de Cajazeiras geram sustentabilidade social, econômica e ambiental?

Esse questionamento impulsionou a realização desta pesquisa, contemplando as práticas da gestão adotadas pelos produtores, considerando as variáveis social, ambiental e econômica, possibilitando traçar um perfil desta atividade de forma sustentável e os seus benefícios alcançados junto às cooperativas de produtores da agricultura familiar na região do sertão paraibano.

Entendendo que o desenvolvimento econômico não pode existir com ecossistemas desequilibrados ao redor, constata-se a importância desse olhar para os pilares da sustentabilidade: social, econômica e ambiental

Ao considerarmos os esforços que enfrentaremos para produzir alimentos para onze bilhões de habitantes na terra até 2100 sem exaurir o planeta, identificamos a relevância de estudos como esse, pois para discutirmos soluções diante do previsto por Hawking, a agricultura familiar é parte fundamental da estratégia (Hawking, 2017). Identificar a qualidade das práticas adotadas pelo pequeno produtor e as consequências das mesmas, proporcionará melhora na tomada de decisão na propriedade rural, ao fornecer aos produtores recomendações específicas que garantam o uso eficiente de recursos e melhorem seus rendimentos. Estimular a identificação de avanços na agricultura tradicional que aumente sua capacidade de produção de forma sustentável é grande fonte de justificativa desse estudo, pois “[...] para garantir a saúde em longo prazo no planeta, precisamos reduzir drasticamente os impactos negativos da agricultura” (FOLEY, p. 28, 2018).

Este trabalho aborda a realidade local, com a pretensão de tornar-se potencial fonte de inspiração ao produtor agrícola familiar, pois o mesmo necessita desenvolver uma gestão que encare a produção como negócio, um olhar empreendedor que identifique valor e oportunidade. Torna-se ainda primordial para a regulação das assimetrias do mercado, com o objetivo de assegurar que a agricultura familiar proporcione qualidade de vida e resultados financeiros motivadores à perpetuação de culturas tradicionais e permanência do homem do campo, no campo, para que o mesmo não se transforme em alvo fácil de monopólios e de intermediários que se apropriam do valor agregado da produção.

A contribuição desta pesquisa está no sentido de avaliar o papel da gestão da produção agrícola familiar, sob a ótica da sustentabilidade em suas principais dimensões: social, econômica e ambiental, ou seja, um olhar para o processo de desenvolvimento com resgate da dignidade humana, melhoria da qualidade de vida, produtividade lucrativa e equilíbrio ambiental. Pois, segundo o relatório da FAO, apesar da importância das estruturas agrícolas familiares, diversos agricultores familiares vivem em situação de pobreza e de insegurança alimentar. “Por isso, é preciso investir em inovação a fim de melhorar a produção e as práticas de gestão com o objetivo de mudar a realidade de muitos desses agricultores” (CAVALCANTE, 2014).

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Realizar diagnóstico da Feira Sertão Agroecológico da cidade do município de Cajazeiras/PB, identificando se a produção familiar adota uma gestão empreendedora, proporcionando sustentabilidade social, alimentando de forma saudável, reduzindo os danos ambientais e ao mesmo tempo gerando lucros em longo prazo.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as práticas de gestão adotadas pelos produtores da Feira Sertão Agroecológico, do município de Cajazeiras/PB.

- Discorrer sobre os maiores desafios enfrentados pelos produtores na produção e comercialização dos produtos agroecológicos.

- Analisar os benefícios alcançados pelos produtores junto às cooperativas como meio para promover uma gestão empreendedora e melhoria da qualidade de vida, no que tange à geração de renda e seus reflexos sociais e ambientais.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A produção rural familiar se apresenta como a alternativa mais promissora na busca de mercados alternativos diante dos desafios para produzir alimento saudável para toda população, por apresentar maior diversidade e possibilidade de favorecer o equilíbrio ecológico necessário para que o ambiente se sustente e mantenha a produtividade ao longo do tempo (MAIA, 2016), sendo, portanto, essas as características da amplamente conhecida e discutida agricultura sustentável. BAIARDI, et al., p. 02 (2010) descrevem a agricultura sustentável como o modelo que assegura:

- a manutenção, a longo prazo, dos recursos naturais e da produtividade agrícola;
- o mínimo de impactos adversos ao ambiente;
- os retornos adequados aos produtores;
- a otimização da produção com um mínimo de insumos externos;
- a satisfação das necessidades humanas de alimentos e renda e
- o atendimento às necessidades sociais das famílias e das comunidades rurais.

Os agricultores familiares necessitam de capacitação para que possam se adequar às exigências do mercado globalizado, assim, conseguirão competir de forma sustentável, e conseqüentemente investir nas suas possíveis potencialidades, reduzindo as desvantagens concorrentes, inerentes à agricultura familiar (BARROS, 2006, apud PINTO JÚNIOR, 2016).

Com base nas argumentações, esse capítulo inicia com o tópico que descreve a respeito da agricultura familiar tradicional e a agricultura moderna. Segue apresentando a agricultura familiar como a alternativa de agricultura sustentável. Para melhor contextualização, um breve relato a respeito da sustentabilidade em seus três pilares. E concluindo com os diversos conceitos que envolvem o empreendedorismo e a educação empreendedora como um caminho para se atingir o sucesso desejado com a sustentabilidade.

3.1 FUTURO DA ALIMENTAÇÃO: Agricultura Familiar X Agricultura Moderna

Por volta do ano 1950 ocorreu a chamada Revolução Verde ou Revolução da Agricultura Moderna, com o objetivo de aumentar a produtividade através da introdução de novas tecnologias à produção agrícola, estão entre essas tecnologias, “fertilizantes artificiais, defensivos agrícolas, modernas ferramentas de irrigação e cultivares especialmente desenvolvidos para absorver uma maior quantidade de nitrogênio e, assim, apresentar um rendimento maior” (NOGUEIRA, 2018, p.03).

Conhecida como Revolução Verde (expressão criada em 1966 por William Gown), a mecanização no campo aliada à fertilização do solo e desenvolvimento de pesquisas em sementes adaptáveis a diferentes solos e condições climáticas, tinha o discurso de aumentar a produção agrícola e acabar a fome mundial (FRANCISCO, 2016)

Portanto, para justificar essa Revolução, foi utilizado o argumento da necessidade de alimentar a população mundial, que entre 1960 e 2015 passou de três para sete bilhões de pessoas, pois foi a Revolução Verde que permitiu suportar esse crescimento da população sem que houvesse fome, segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) a produção agrícola teve um crescimento de 200% entre os anos de 1960 e 2015 (NOGUEIRA, 2018).

O fato é que a população do planeta continua crescendo, segundo projeções da ONU (Organização das Nações Unidas), em 2050 a população mundial estará entre nove e dez bilhões de indivíduos. Segundo a FAO (2016) será necessário elevar em 50% a atual produção de alimentos para conseguir alimentar dez bilhões de indivíduos.

Nos deparamos então com um grande desafio, se considerarmos apenas o sucesso alcançado pela Revolução Verde na sua capacidade de elevar a produção de alimentos, podemos ficar otimistas, mas o fato é que as circunstâncias são bem diferentes, esse modelo de agricultura moderna ocorreu de forma desastrosa, explorando de forma abusiva os recursos naturais, avançando sobre florestas e savanas à busca de terra agricultável, extraindo do solo todo o seu potencial produtivo, sem dar a ele o cuidado e o tempo necessários para a sua recuperação (NOGUEIRA, 2018). Além disso, a monocultura, o uso de fertilizantes artificiais e defensivos agrícolas utilizados com o objetivo de alimento em grande escala, em curto prazo e redução de custos, sem nenhuma preocupação com os danos que os mesmos causariam à população, deixaram consequência imensuráveis. Em relação à saúde, são diversos os casos de intoxicações e outros agravos à saúde humana demonstrados em estudos científicos, em especial intoxicação por agrotóxicos em trabalhadores rurais (LOPES; ALBUQUERQUE, 2018). Os efeitos da exposição crônica e simultânea a diversos agrotóxicos em longo prazo podem causar distúrbios neurológicos, imunológicos e câncer (DELLA VECHIA *et al.*, 2016). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) são registradas 20 mil mortes por ano devido o consumo de agrotóxicos.

O que se sabe, com certeza, é que os monocultivos, baseados nas práticas e tecnologias da chamada Revolução Verde, têm sido responsáveis por um conjunto de externalidades que levaram a uma crise socioambiental sem precedentes na história da humanidade (CAPORAL, 2011, p. 83).

Tais constatações já seriam suficientes para entender que aumentar o atual modelo de produção agrícola, o agronegócio, não seria uma estratégia interessante.

Mas existem outros complicadores que comprometem a estratégia das atividades agrícolas em grande escala, como as mudanças ambientais que ocasionam enchentes, secas e climas extremos que vão alterar a capacidade de produzir alimentos no Brasil e no mundo, afetando diretamente a qualidade de vida da população, o aspecto da segurança alimentar, questões sociais de forte impacto, como pode-se observar no exemplo a seguir:

Uma grande seca na Síria, no início dos anos 2010, levou boa parte dos camponeses a migrar para as cidades. Foi este contingente que aderiu ao sonho da primavera árabe e apoiou o movimento de sublevação que resultou na guerra civil que varre o país desde 2011. (NOGUEIRA, 2018, p. 01).

Portanto, como evidencia Penna (2009), a Revolução Verde é insustentável. Mesmo insustentável, as técnicas da conhecida agricultura moderna (ou ainda agricultura convencional), são amplamente utilizadas pelos agricultores, isto ocorre, porque, como argumenta Soares, *et. al* (2017), o modo convencional tende a proporcionar resultados mais satisfatórios quanto à produção no que diz respeito à produtividade (quantidade), aparência do fruto entre outros motivos. Souza (2005) contribui quando considera que a agricultura convencional é um modo agrícola no qual prevalece a busca da maior produtividade por meio da intensa aplicação de insumos externos, que possibilita em curto prazo, resultados econômicos visíveis, como o aumento da produtividade e eficiência agrícola.

Diante do exposto, a importância da agricultura familiar é justificada por diversos fatores, em especial na política de segurança alimentar, provendo o mercado interno de alimentos, oferecendo contribuições para a sustentabilidade e a equidade da inclusão social (VALENTE, 2008). O desafio é oferecer recursos tecnológicos, operacionais, financeiros e administrativos, que proporcionem condições competitivas frente à produção moderna, e consequentemente acréscimo da capacidade produtiva e sustentabilidade financeira ao pequeno produtor. Pois, a indústria na agricultura, modificou profundamente o caráter da produção agrícola e de suas relações sociais.

Como o próprio nome aponta, a agricultura familiar, é a forma de exploração agrícola que pressupõe uma unidade de produção, em que propriedade e trabalho estão ligados preponderantemente à família. É necessário que as atividades de gestão e produção sejam realizadas por um membro da família proprietária das terras (SAVOLDI; CUNHA, 2010).

A agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho, vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento. Que esta definição não seja unânime e muitas vezes tampouco operacional. É perfeitamente compreensível, já que os diferentes setores sociais e suas representações constroem categorias científicas que servirão a certas finalidades práticas: a definição de agricultura familiar, para fins de atribuição de crédito, pode não ser exatamente a mesma daquela estabelecida com finalidades de quantificação estatística num estudo acadêmico. O importante é que estes três atributos básicos (gestão, propriedade e trabalho estão presentes em todas elas (ABRAMOVAY, 1997, p.3).

De forma resumida, no quadro quadro 1, podem ser identificadas as principais características da agricultura familiar, com uma comparação em relação à agricultura convencional:

QUADRO 1: caracterização da agricultura familiar a partir de sua comparação com a agricultura patronal

AGRICULTURA FAMILIAR	AGRICULTURA MODERNA
Gestão e trabalho intimamente relacionados	Completa separação entre gestão e trabalho
Ênfase na diversificação	Ênfase na especialização
Ênfase na durabilidade dos recursos naturais e na qualidade de vida	Ênfase em práticas agrícolas padronáveis
Trabalho assalariado é complementar, esporádico	Predomínio do trabalho assalariado
A produção busca principalmente a preservação do solo e alimento saudável	Tecnologias buscam principalmente a redução de mão de obra, uso de agrotóxicos e fertilizantes
Decisões imediatas, adequadas ao alto grau de imprevisibilidade e especificidade do processo produtivo.	Tecnologias direcionadas à eliminação das decisões “de momento”
Alimentos básicos, ocupação soberana do território, preserva as tradicionais culturas do país	Gera empregos, renda excedente, exportáveis
Área média em torno de 26 ha	Área média em torno de 433 ha

Fonte: FAO/INCRA, 1994 (Adaptado) In: Informe Agronegócio. Brasília: Instituto Interamericano de cooperação para a agricultura, 2006, p. 72.

A Lei nº 11.326/2006 considera agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente aos requisitos de possuir área que não ultrapasse 4 (quatro) módulos fiscais; utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; renda familiar originada do seu estabelecimento e que a gestão seja realizada por membros da família. São ainda beneficiários desta Lei: silvicultores, aquicultores, extrativistas, pescadores, indígenas, quilombolas e assentados da reforma agrária, desde que atendam aos requisitos de que trata esta lei.

Pelo exposto, pode-se concluir que a agricultura familiar, diferentemente da agricultura moderna, é praticada em pequenos lotes, não dispendo de contratação de mão de obra, pois

tanto produção quanto gestão rural utilizam majoritariamente mão de obra familiar. Como afirma a Primato Cooperativa Agroindustrial¹ “[...] a agricultura familiar tem como característica a produção a partir de lotes menores de terra, com uma maior diversidade produtiva, onde a família é, ao mesmo tempo, proprietária, gestora e responsável por toda produção e comercialização”.

Valorizar a agroindústria² familiar é incentivar a família rural a sair do anonimato por meio da organização em associações e cooperativas ou mesmo de forma individualizada, viabilizando sua qualificação e agregando valor ao produto. Além disso, permite que o consumidor reconheça as especificações e qualidades do produto da agroindústria, que visa, entre outros fatores, respeitar culturas, tradições, sabor local e a compreensão do meio rural como meio de vida. (MANFRIN; BERNARDY; BENCKE, 2019, p. 149).

Essa valorização se faz necessária em virtude da agricultura familiar voltar-se para a produção de produtos alimentares básicos e com uma lógica de produção de subsistência, sendo, muitas vezes, erroneamente percebida como única e exclusivamente sustentabilidade familiar (SOARES, 2017). Este tipo de agricultura pode ser apontado como um setor atrasado do ponto de vista econômico, tecnológico e social, como apontam Santos e Felício (2013, p. 172) “[...] a

¹ A Primato é uma cooperativa, foi fundada em 1997, nessa ocasião, centrou as atividades na representatividade do setor de suínos e leite de Toledo e região. Com seu crescimento, a fabricação de rações para estes setores agropecuários foram introduzidos e com eles a necessidade da alteração da marca. Surge então a Primato Cooperativa Agroindustrial. Diversificando seus negócios, a Primato inicia também sua atuação no setor supermercadista, restaurantes, farmácia humana, recebimento de grãos e Posto de Combustível.

Os próximos objetivos da Primato é a abertura de mais supermercados de sua rede na área de atuação, posto de combustível, ampliar a capacidade de recebimento de grãos, a industrialização de alimentos, ampliar o leque de alimentos com marca própria, sempre seguindo os princípios e os valores do cooperativismo.

- **Propósito:** Juntos para alimentar o mundo saudável.
- **Negócio:** Encantar, conquistar e transformar a alimentação das pessoas.
- **Missão:** Produzir alimentos saudáveis às pessoas, com cooperação, inovação e sustentabilidade, garantindo renda aos cooperados e colaboradores.
- **Visão:** Ser a companhia mais confiável e bem sucedida do mundo em produção e fornecimento de alimentos saudáveis.
- **Valores:** Cooperação, Integridade, Excelência e Segurança.
- **Direcionador:** Gerar lucro e caixa.

²A pluriatividade, contemplada na lei 11.326/2006, prevê a ocorrência de diversas atividades agrícolas e não agrícolas ao produtor familiar. Essa não obrigatoriedade da existência da produção agrícola possibilita a inserção de atividades econômicas relacionadas à agroindústria e ao setor de serviços tais como hospedagem, alimentação, a recreação, dentre outros. (BEBER, PORTAL DA EDUCAÇÃO)

indústria doméstica camponesa não consegue acompanhar as inovações tecnológicas advindas da revolução industrial”.

Diante disso, os grandes interessados na defesa da agricultura moderna utilizam amplamente o argumento da capacidade produtiva limitada da agricultura familiar para justificar suas atividades. Para contrapor tal argumento, tomemos como exemplo o Brasil, onde a agricultura familiar apresenta uma amplitude que vai desde os excluídos de qualquer condição de cidadania até os produtores que possuem renda razoável e condições de vida satisfatórias. Mas, geralmente o Brasil apresenta análises do comportamento do setor agrícola com base em censos agropecuários que procuram captar através de variáveis como número de estabelecimentos, área plantada, produção, o comportamento da evolução do emprego e da renda desse setor... deles estão excluídos todas as propriedades rurais que não apresentaram nenhuma produção agropecuária no período de referência. Ou seja, o conjunto de unidades de produção levantado pelo censo agropecuário não dá conta do mundo rural e sua capacidade produtiva, pois cobre apenas uma parte dele, a da produção agropecuária (GLÓRIA, 2015).

Contrariando a ideia simplista de que a agricultura familiar é apenas de subsistência, o Blog Gebana (2019), como base em dados da ONU, aponta que ela responde por 80% da produção mundial de alimentos.

A verdade é que, “ela pode ser classificada como base para o avanço do processo agrícola” (SOARES, *et al.* 2017), proporcionando riqueza local, saúde, qualidade de vida e preservação do meio ambiente. Um dos caminhos, é unir forças e recursos, a maioria dos casos em que os produtores familiares conseguem resultados animadores é através das associações³ e cooperativas⁴. Para ter maior eficácia técnica produtiva e econômica, e conseqüentemente

³ As associações são indicadas para levar adiante uma atividade social, o gerenciamento é mais simples e o custo de registro, menor e têm como finalidade a promoção de: assistência social; educacional; cultural; representação política; defesa de interesses de classe; filantropia.

As principais características das associações: os associados não são propriamente donos; o patrimônio acumulado, no caso de sua dissolução, deve ser destinado a outra instituição semelhante, conforme determina a lei; Os ganhos devem ser destinados à sociedade, e não aos associados; na maioria das vezes, os associados não são nem mesmo os beneficiários da ação do trabalho da associação. (SEBRAE, 2019)

⁴ As cooperativas têm um objetivo essencialmente econômico, e seu principal foco é viabilizar o negócio produtivo dos associados no mercado, além de ser o meio mais adequado para desenvolver uma atividade comercial em média ou grande escala e de forma coletiva.

As principais características das cooperativas: os principais participantes são os donos do patrimônio e os beneficiários dos ganhos; beneficia os próprios cooperados; por meio de assembleia geral, as sobras das relações comerciais, podem ser distribuídas entre os cooperados; existe o repasse dos valores relacionados ao trabalho prestado pelos cooperados ou da venda dos produtos entregues na cooperativa. (SEBRAE, 2019)

O cooperativismo surgiu como alternativa àqueles que buscavam na cooperação solidária a solução para problemas econômicos causados pela concentração do capital. Tem como princípios norteadores valores como autoajuda, ação conjunta, auto responsabilidade, igualdade e equidade. Em sua essência, o membros de cooperativas devem crer nos valores éticos de honestidade, transparência, responsabilidade social e interesse pelos outros.

umentar a capacidade de barganha no comércio local, os produtores se organizam em associações ou cooperativas, conseguindo concretizar parte da atividade de comercialização dos produtos, potencializando a capacidade produtiva dos agricultores e proporcionando frequentemente a exclusão do papel do atravessador (que na maioria das vezes se empossa do valor agregado) nas relações comerciais (SILVA, 2011).

O associativismo rural apresenta-se como alternativa que leva ao fortalecimento das diferentes cadeias produtivas agrícolas. O associado torna-se cada vez mais um empreendedor por perceber que sua atividade é fundamentalmente importante para ele e para a sociedade (GLÓRIA, p. 11, 2015).

A Lei da agricultura familiar, nº 11.326/2006 (de 24 de julho de 2006), estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais, considerando agricultor familiar ou empreendedor familiar rural:

- aquele que pratica atividades no meio rural;
- não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;
- utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
- renda familiar vinculada ao próprio estabelecimento;
- gerenciamento do estabelecimento ou empreendimento pela própria família.

É necessário que o agricultor se perceba como empreendedor familiar rural, como a Lei o classifica, desenvolvendo as características intrínsecas ao empreendedorismo. É necessário que ele perceba o valor e as diversas vantagens de investir na ampliação da agricultura familiar, como o Blog Gebana (2019) destaca:

- Adoção de práticas produtivas com maior sustentabilidade ambiental, devido ao uso consciente do solo, à diversificação do cultivo e à preservação do patrimônio genético das plantas.

Estes princípios norteiam a forma de atuação das cooperativas, sendo os alicerces que se destacam: Adesão Voluntária e Livre, Gestão Democrática e Livre, Participação Econômica dos Cooperados, Autonomia e Independência, Educação, Formação e Informação, Intercooperação e Interesse pela Comunidade. Em qualquer parte do mundo, independente dos regimes econômicos e políticos, as cooperativas seguem estes princípios na busca solidária de soluções para problemas comuns das pessoas que as integram. (Primato

- Incentivar o consumo de alimentos produzidos pela agricultura familiar local favorece a alimentação saudável, proporcionando qualidade de vida através de prevenção de doenças.
- Incentivar o consumo de alimentos produzidos pela agricultura familiar local estimula os mercados locais, criando estímulo para o produtor rural continuar produzindo, enxergando a atividade como fonte geradora de renda que proporciona sua permanência no campo, com maior infraestrutura e mais qualidade de vida.
- Estimula a sustentação de políticas de combate à fome, contribuindo no combate ao êxodo rural, para o crescimento econômico e consequentemente gerando empregos no campo e, até mesmo, para a qualidade de vida nos centros urbanos.

É pertinente, portanto, afirmar que a agricultura familiar, se administrada de forma adequada, é uma atividade produtiva sustentável, como a ONU (2017), em seu site afirma: “agricultura familiar promove desenvolvimento rural sustentável”.

3.1.1 Agricultura Sustentável – Agroecologia

O mercado tem demandado um modelo de agricultura que traga consigo ideias de saúde, cuidado com o meio ambiente, responsabilidade social e qualidade de vida (SOARES, 2017). Por isso, a necessidade de apoiar o desenvolvimento rural sustentável vem tornando-se prioritária. As propriedades familiares se apresentam como parte importante para atender essas demandas na luta para garantir a segurança alimentar mundial e o desenvolvimento rural sustentável. “Para isso, porém, é preciso investir em inovação a fim de melhorar a produção e as **práticas de gestão com o objetivo de mudar a realidade de muitos desses agricultores**” (CAVALCANTE, 2014).

O novo modelo de agricultura sustentável proposto pressupõe novas formas de produzir, ambientalmente sustentáveis, que propiciem o aumento da produtividade dos sistemas agrícolas, a produção de alimentos de boa qualidade, o maior retorno financeiro dos empreendimentos, o uso reduzido de insumos agrícolas, a baixa dependência tecnológica, o uso sustentável dos recursos naturais e o mínimo de impactos adversos ao meio ambiente (COUTINHO, 2011).

Diante do exposto

A agricultura familiar pode representar o segmento ideal para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável, tendo em vista que opera em pequenas escalas, com

diversificação e integração das atividades, o que possibilitaria o desenvolvimento de uma agricultura competitiva, inclusiva e sustentável (COUTINHO, 2011)

Inovações gerenciais serão necessárias para manejar com eficiência e eficácia os processos cada vez mais complexos que acompanharão a agropecuária que se descortina para o futuro” (EMBRAPA, p. 51, 2014). Pois, sem dúvida, a inovação, “a tecnologia – entendida no seu amplo espectro, envolvendo técnicas agropecuárias, administrativas, de marketing e propaganda, etc. – é fator indispensável para a viabilização econômica da atividade agropecuária em qualquer extrato de produtor” (VILELA, P. 260, 2017).

No Brasil, a inovação, a modernização da agricultura foi resultado de uma forte disposição governamental e do setor privado. O ente público foi capaz de oferecer um conjunto de políticas coordenadas, que conduziram, entre outros impactos, à ampliação da capacidade de pesquisa e inovação. Complementarmente, foi essencial o protagonismo e o espírito empreendedor do produtor rural brasileiro. Ele percebeu as vantagens comparativas das tecnologias geradas e adaptadas pelas organizações públicas e privadas de pesquisa e inovação e, ao adotá-las em larga escala, tornou realidade o sonho de transformar o Brasil em um dos maiores produtores mundiais nas cadeias agropecuárias (EMBRAPA, p.19, 2014).

Mas são conhecidos os resultados danosos dessas ações. É necessário trazer modernização e empreendedorismo para práticas sustentáveis. E nesse sentido, já podem existir vários casos positivos e exitosos no Brasil. São inúmeras práticas ambientalmente amigáveis adotadas pelos produtores brasileiros, como “o plantio direto, a fixação biológica de nitrogênio e, recentemente, os sistemas integrados de lavoura e pecuária atestam o quanto a agropecuária brasileira avançou na direção da sustentabilidade” (EMBRAPA, p. 19, 2014). Exemplo disso é que ao aliar tecnologia, melhor gestão agrícola, ampla variedade de políticas e a adoção, por parte do setor privado, de tecnologias e práticas de acordo com critérios de sustentabilidade, houve redução das taxas de desmatamento (EMBRAPA, 2014).

Mas, esses resultados ainda estão longe de ser considerados satisfatórios, esse progresso já alcançado deverá servir de é preciso de mola propulsora para avançar ainda mais no caminho da sustentabilidade, resolvendo questões que envolvem produção agrícola, questões socioeconômicas e ambientais. Diante das alternativas, em sua página na internet, o INCA (Instituto Nacional de Câncer – Ministério da Saúde) aponta a agroecologia como uma alternativa de solução aos danos causados pela exposição ao agrotóxico no trabalho ou no ambiente, afirmando:

A agroecologia deve ser compreendida como Ciência e prática interdisciplinar que considera não só o conhecimento científico advindo das Ciências Agrárias, da Saúde, Humanas e Sociais, mas principalmente as técnicas e saberes populares (dos povos

tradicionais) que incorporam princípios ecológicos e tradições culturais às práticas agrícolas gerando uma agricultura sustentável e promovendo a saúde e a vida digna. Tem como princípios fundamentais a solidariedade, sustentabilidade, preservação da biodiversidade, equidade, justiça social e ambiental, soberania e segurança alimentar e nutricional.

Caporal (2011, p. 83) apresenta a agroecologia com um novo enfoque científico, “[...] passando a reorientar processos produtivos e estratégias de desenvolvimento que sejam capazes de contribuir para minimizar os impactos ambientais gerados pela agricultura convencional”.

Os produtos orgânicos e agroecológicos surgiram como alternativa ao crescente mercado, incentivando uma nova concepção de consumo ligada ao conceito de sustentabilidade, impactando inclusive no estilo de vida das pessoas, seja como consumidor ou produtor (SOARES *et. al.*, 2017). “A agroecologia surgiu, por volta dos anos 80, recuperando a necessidade de conservação da biodiversidade ecológica e cultural. Inicia-se assim um novo modelo, alternativo, de desenvolvimento rural sustentável” (SOARES, *et al.*, p. 05, 2017).

Mas a realidade é que a produção orgânica e agroecológica encontram diversas barreiras, entre elas: percepção do consumidor, pois é notória a fama dos produtos pequenos, de aparência ruim e preços mais caros dos produtos orgânicos e agroecológicos.

Por outro lado, ocorre a resistência dos agricultores, a falta de conhecimento nas técnicas alternativas de manejo e produção, a dificuldade de aprendizagem, falta de interesse e de conhecimento em gestão são exemplos de entraves ao ganho de espaço no campo (SOARES, 2017, p. 02).

Assim, como afirma Cavalcante, ao referenciar o documento da FAO (Organização das nações unidas para alimentação e agricultura). Para que haja inovação na produção agrícola familiar, é preciso haver condições macroeconômicas estáveis, regimento jurídico e regras transparentes, ferramentas para a gestão de riscos e infraestrutura de mercado (CAVALCANTE, p. 2014).

Em relação ao aspecto de percepção do consumidor, se faz necessário adotar estratégias para que o cliente tenha imagem de valor agregado em relação ao produto agroecológico/orgânico, e não de produto caro. Para Soares (2017), é uma diferenciação real, a qual o cliente percebe a relação custo-benefício, segmentando o mercado, associado ao estilo de vida saudável e correto do ponto de vista socioambiental, e que essa diferenciação seja estrategicamente divulgada para ser percebida pelo consumidor (KOTLER, 2010).

Esta estratégia permite ao produtor a obtenção de margens de lucro acima da média, pois em regiões em que os clientes percebem o valor agregado dos produtos orgânicos e

agroecológicos, os mesmos são negociados pelo chamado preço *premium*. Mas, é necessário ainda:

Para driblar as barreiras por parte dos agricultores, proporcionar aos mesmos conhecimento para adotarem estratégias de cultivo como, a rotação de cultura, que melhorem a qualidade do solo, uma vez que nesse sistema busca-se a não aplicação, ou baixa dependência, de insumos externos, ou seja, a agroecologia procura atuar de forma sustentável” (SOARES, *et al*, 2017, p 02).

3.2 SUSTENTABILIDADE – É POSSÍVEL ALIMENTAR O MUNDO, DE FORMA SAUDÁVEL, PRESERVANDO O PLANETA?

Alvarez e Mota (2010, p.27) apontam que a sustentabilidade ou desenvolvimento sustentável foi entendido pela CMMAD (1991) como: “Um processo de transformação, no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação da evolução tecnológica e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas”.

A Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento foi criada pelas Nações Unidas com o propósito de avaliar os principais problemas do meio ambiente e desenvolvimento do planeta, visando formular propostas possíveis para solucioná-los, para assegurar que o progresso humano seja sustentável para as futuras gerações em seu processo de desenvolvimento (GLÓRIA, 2015, pag. 27).

O processo de desenvolvimento das últimas décadas levou, como constata Foley (2018), o sistema alimentar do mundo a enfrentar incríveis desafios interligados:

- Acabar com a fome, garantindo que todos os sete bilhões de pessoas sejam adequadamente alimentados (pois mesmo a produção de alimentos do mundo estando acima da necessidade da população, ocorre um desequilíbrio, grande desperdício e uma parte da população em várias partes do mundo passa fome);
- dobrar a produção de comida nos próximos 40 anos;
- se tornar sustentável (social, ambiental e economicamente), reduzindo os danos que a agricultura causou ao meio ambiente.

Nascimento (2012) aborda uma questão importante, o fato do desenvolvimento sustentável marchar de forma vagarosa no Brasil. Mesmo já existindo uma conscientização ambiental por todo o país, há um abandono dos aspectos ambientais e sociais. Diversas atividades ainda visam exclusivamente o lucro.

Portanto, ao analisar o cenário ambiental que nos encontramos, é importante considerar

que nenhuma estratégia funcionará isoladamente, serão caminhos a serem implementados simultaneamente. Necessita-se de um sistema alimentar nutricional, saudável e sustentável com desempenho social, ambiental e econômico. Assim, Sousa (2018, p. 20) afirma:

[...] umas das formas de se obter crescimento ordenado, tendo uma preocupação real com o meio ambiente é a agricultura familiar, é uma alternativa importante para o desenvolvimento sustentável de um local, que garante produção para a região e desenvolvimento econômico e social para a comunidade.

O desenvolvimento precisa ser um processo consistente e sustentável, para isso, se faz necessário elevar as oportunidades sociais, bem como a viabilidade e competitividade da economia local, para que seja possível aumentar a renda e as formas de riqueza, e que ao mesmo tempo consiga assegurar a conservação em longo prazo dos recursos naturais explorados.

3.2.1 Sustentabilidade Ambiental

A sustentabilidade ambiental, “[...] ancorada no princípio da solidariedade com o planeta e suas riquezas e com a biosfera que o envolve” reflete a ação produtiva de forma a ação exploratória dos recursos naturais de forma consciente, sem desperdício e sem prejudicar a capacidade produtiva do planeta (CÂNDIDO; LIRA, 2013, p.36).

Alvarez e Mota (2010) cita Sanchs (1993, 1997, 2000a) que enfoca o desenvolvimento sustentável em oito dimensões, dentre elas, quadro contemplam o aspecto ambiental da sustentabilidade, conforme pode ser visto a seguir:

1. **A sustentabilidade ecológica:** mediante a intensificação de usos de processos que imponham a redução do volume de substâncias poluentes, por meio da adoção de políticas de conservação de energia e de recursos, da reciclagem, da substituição por recursos renováveis abundantes e inofensivos e do desenvolvimento de tecnologias capazes de gerar um nível mínimo de dejetos e de alcançar um máximo de eficiência em termos dos recursos utilizados.
2. **A sustentabilidade cultural:** inclui soluções específicas que possibilitem a continuidade cultural, contemplando-se a região, sua cultura e seu ecossistema.
3. **A sustentabilidade espacial:** os problemas ambientais são ocasionados, muitas vezes, por uma distribuição espacial desequilibrada dos assentamentos humanos e da concentração de atividades econômicas; então, há a necessidade de se criar uma configuração territorial mais equilibrada, de se estabelecer uma rede de reservas da biosfera para proteger a diversidade biológica e, ao mesmo tempo, ajudar a população local a manter seu bem-estar.
4. **A sustentabilidade ambiental:** relaciona-se à capacidade de suporte, resiliência e resistência dos ecossistemas (ALVAREZ; MOTA, 2010, p. 31).

O esgotamento dos recursos do planeta, justifica uma abordagem da (in)

sustentabilidade ambiental em que o planeta se encontra, alertando para os danos atuais causados por uma produção moderna, embasada exclusivamente na elevação da produção de alimentos, ignorando os resultados danosos ao meio ambiente. O planeta vem apresentando alertas, sinais explícitos da sua saúde comprometida, um verdadeiro grito de socorro. Atualmente há consenso de que os objetivos do modo de produção capitalismo foram atingidos deixando elevada deterioração ambiental e esgotamento dos recursos naturais, podendo-se concluir esse modo de produção é insustentável (ZENONE; DIAS, 2015).

Ao considerar esse contexto e a necessidade de aumentar a produção de forma a alimentar a população crescente, no aspecto de preservação do meio ambiente, serão necessários esforços e recursos que aumentem a capacidade produtiva sem comprometer ainda mais os recursos naturais produtivos. À primeira vista, o caminho parece simples: cultivar mais através de expansão de terras agrícolas e melhora do rendimento por hectare. Mas, infelizmente, o ambiente apresenta resistência nessa solução (FOLEY, 2018).

A produção agrícola já utiliza mais de 37% da superfície terrestre, estando incluso os melhores solos, as áreas produtivas (florestas e savanas tropicais) inexploradas são essenciais para o equilíbrio ambiental, servindo de depósito de carbono e biodiversidade, portanto, expandir para essas áreas, não será uma boa opção (FOLEY, 2018). A opção de melhorar o rendimento por hectare parece um caminho inviável, ao considerar que para garantir a saúde em longo prazo do planeta, precisamos reduzir drasticamente os impactos negativos que a agricultura moderna causou aos solos. “Até 2010, a agricultura já tinha desmatado ou transformado radicalmente 70% das pradarias pré-históricas, 50% das savanas, 45% das florestas decíduas temperadas e 25% das florestas tropicais do planeta”. (FOLEY, 2018, p. 28).

Altieri (2002, p. 454) alerta ainda para a questão dos monocultivos, que “[...] são ambientes mais difíceis para se induzir um eficiente sistema de controle biológico de pragas, pois carecem de recursos adequados para o desempenho efetivo dos inimigos naturais”. Pois, com o único objetivo de produzir em grande escala, reduzindo custos e ampliando lucros, cuidados essenciais à preservação do solo foram ignorados pela agricultura moderna, tornando solos produtivos, em terra improdutivas, por explorar toda a sua capacidade, através de monoculturas, técnicas abusivas de exploração, sem dar o devido tempo de recuperação. Francisco Roberto Caporal acredita que

[...] o ideal de sustentabilidade presente nos discursos institucionais e políticos, somente poderão se converter em políticas e práticas ambientalmente amigáveis, na medida em que transformarmos nossa agricultura e estratégias de desenvolvimento rural adotando princípios da Agroecologia e fazendo isso a partir de um processo de

transição e não de novos enfoques de revolução no campo. Isto é, a partir de estratégias e políticas públicas capazes de dar um novo rumo ao alterado processo de coevolução do homem com o meio ambiente resultante do modelo agrícola da Revolução Verde e de suas “verdades monoculturais” (CAPORAL, 2009).

A água doce também é uma vítima, pois de acordo com Foley (2018):

Gastamos espantosos 4.000 km³ de água por ano...a irrigação responde por 70% dessa extração... Como resultado muitos dos grandes rios do mundo reduziram seus fluxos, alguns secaram por completo... Fertilizantes, herbicidas e pesticidas são aplicados em níveis incríveis, sendo encontrados em quase todos os ecossistemas. Os fluxos de fósforo e nitrogênio no ambiente mais que dobraram desde 1960, causando uma poluição generalizada da água (FOLEY, 2018, p. 28)

O aspecto climático – podemos observar que clima e agricultura estão intrinsicamente relacionados, no qual um pode interferir diretamente no outro, tanto favoravelmente quanto negativamente, conforme pode ser observado a seguir.

O aumento nas emissões globais dos gases de efeito estufa pode trazer consequências negativas para todos os ecossistemas naturais, por isso, o aspecto climático é amplamente estudado pela agricultura, pois

[...] a prática da agricultura responde por entre 10% e 12% do aquecimento causado pelos gases de efeito estufa... A maior parte das emissões diretas geradas pela agricultura vem do metano produzido por animais e arrozais, e do óxido nitroso liberado por solos superfertilizados (FOLEY, 2018, p. 29)

Se acrescentado os efeitos do desmatamento tropical e de outras formas de limpeza rural, a parcela de emissões globais da agricultura sobe para 24% do total.

E isso se reverte com efeitos negativos, danosos à atividade agrícola, dentre os diversos efeitos negativos relacionados às emissões dos gases de efeito estufa, e clima, Assad e Assad (2018) destacam: a concentração de dióxido de carbono na atmosfera estimula a taxa de crescimento das plantas e a produtividade das culturas, mas se essa taxa aumentar mais do que a fotossíntese possa assimilar, torna-se um fator limitante para as plantas. E se esse crescimento for associado à elevação da temperatura do ar, o efeito benéfico do dióxido de carbono podem ser anulados.

As mudanças climáticas também estão relacionadas à incidência de pragas e doenças nas plantas cultivadas. Como exemplo, tem-se estudos dos efeitos nas populações de abelhas, que pode ocasionar uma redução em até 25% da produção devido à redução da polinização.

Outro fator preocupante é a deficiência hídrica, levando a perda de produtividade, principalmente nos grãos. Relacionados as alterações no regime de chuvas e aumento da

temperatura. Um aumento de temperatura igual ou superior a 3°C inviabiliza a atividade agrícola em várias regiões do mundo.

Portanto, mesmo considerando a força positiva oferecida pela agricultura moderna na solução de alimentação da população nos últimos anos, não se pode ignorar os danos ambientais que a mesma causou, levando inclusive à um declínio na sua capacidade produtiva nos próximos anos. Não se pode mais tratar o assunto com a abordagem unilateral, na qual ou se alimenta a população mundial em longo prazo ou se preserva o meio ambiente. A solução precisa ser integrada, abordando soluções conjuntas para os desafios aqui levantados.

Segundo Altieri (1998), a solução está em buscar uma produção com foco na sustentabilidade provinda da diversidade e equilíbrio de plantas, solo, nutriente, luz solar, umidade e outros organismos. Ou seja, neste sistema de cultivo, procura-se produzir sem agredir o meio ambiente aplicando princípios ecológicos com o auxílio da implementação de estratégias como o consórcio de plantas que tenham baixa dependência de insumos.

3.2.2 Sustentabilidade Social

A sustentabilidade social se assegura a partir de uma distribuição mais igualitária da renda e dos ativos, pode-se usar um mecanismo de política pública que conduza a um padrão estável de crescimento, assegurando uma melhoria substancial dos direitos dos grandes contingentes de população e uma redução das atuais diferenças entre os seus níveis de bem-estar (ALVAREZ; MOTA, 2010).

A sustentabilidade social está “[...] ancorada no princípio da equidade na distribuição de renda e dos bens, no princípio da igualdade de direitos à dignidade humana e no princípio da solidariedade dos laços sociais” (CÂNDIDO; LIRA, 2013, p.36).

Mas, ao refletir sobre a dimensão social da sustentabilidade social é primordial ainda destacar a sua importância em igualdade em relação às dimensões econômicas e ambientais, pois “[...] a inclusão de aspectos sociais nos debates e práticas de sustentabilidade tem sido marginal, comparada com o foco nas outras duas dimensões do desenvolvimento sustentável” (LOURENÇO; CARVALHO, 2013, p. 10).

Concordando com a afirmativa de Lourenzani, *et al* (2008) que o desenvolvimento da agricultura familiar é entendido como uma das pré-condições para uma sociedade economicamente mais eficiente e socialmente mais justa, este capítulo apresenta argumentos sociais para o amplo investimento na agricultura familiar. Através da agricultura familiar, a agroecologia vem sugerir “estratégias que possam vir a ser adotadas para um desenvolvimento

socialmente mais apropriado e que preserve a biodiversidade e a diversidade sociocultural” (CAPORAL, 2011, p. 83). Proporcionando fatores sociais como alimentação saudável, desaceleração do êxodo rural, geração de renda para as famílias e conseqüentemente contribuição para geração de riqueza local e no país (GUILHOTO, *et al.*, 2007).

Com menos recursos humanos, financeiros e tecnológicos, bem como, com menor poder de mercado e de gestão, o produtor agrícola familiar necessita de políticas públicas que consigam conciliar desenvolvimento sustentável em seus três pilares: proporcionando crescimento econômico, preservação ambiental, atendendo às demandas sociais. Para que assim, os recursos naturais possam ser usufruídos pelas gerações futuras.

É necessário movimentos sociais, unir forças, se organizar, se mobilizar por direitos sociais. Exercitar o que “Habermas denominou de o agir comunicativo”, utilizando dos meios de comunicação modernos, a exemplo da internet (GOHN, 2011, p. 336). Essas ferramentas de comunicação criam e ampliam novos saberes. Os movimentos sociais representam força para a sociedade, unindo e organizando as pessoas num campo de atividades que geram criatividade e inovações socioculturais (GOHN, 2011). É necessário fortalecer a atividade agrícola familiar, ela precisa sair do patamar de provedora de matérias-primas a baixo custo para outros setores, que acabam se apossando do maior resultado financeiro. Ora, não pode ser atribuído maior poder ao setor industrial e de comércio, se atividade agrícola é a grande geradora dos recursos para que todo esse ciclo atenda às demandas da população.

Em suma, a agricultura familiar tem sobrevivido em meio à competição desleal de condições e recursos orientados para favorecer a grande agroindústria, por vezes privilegiada no processo de modernização da agricultura brasileira, para onde historicamente grandes quantias de investimento público foram direcionadas em políticas públicas questionáveis quanto aos seus retornos sociais”. (GLÓRIA, 2015, p. 26).

É importante considerar ainda outro aspecto crucial na questão da sustentabilidade social, que é a saúde, tanto do homem do campo quanto da população em geral. O INCA (2019), em sua página na internet apresenta os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), que afirmam ser registradas 20 mil mortes por ano devido o consumo de agrotóxicos. A exposição aos agrotóxicos pode causar uma série de doenças, dependendo do produto que foi utilizado, do tempo de exposição e quantidade de produto absorvido pelo organismo. É importante considerar:

- Os principais afetados são os agricultores e trabalhadores das indústrias de agrotóxicos, que sofrem diretamente os efeitos destes durante a manipulação e aplicação.

- Toda a população está suscetível a exposições múltiplas a agrotóxicos, por meio de consumo de alimentos e água contaminados.
- Gestantes, crianças e adolescentes também são considerados um grupo de risco devido às alterações metabólicas, imunológicas ou hormonais presentes nesse ciclo de vida.

Diante do exposto, é animadora a constatação da EMBRAPA (p. 19, 2014) quando afirma que “o sistema de pesquisa agropecuária no Brasil tem dado passos significativos, em um curto período de tempo, na direção do desenvolvimento e da utilização de inovações para sistemas de produção sustentáveis e que aportam alimentos mais seguros”.

3.2.3 Sustentabilidade Econômica

Como o SEBRAE aponta,

[...] a sustentabilidade econômica é um conjunto de práticas econômicas, financeiras e administrativas que visam o desenvolvimento econômico de um país ou empresa, preservando o meio ambiente e garantindo a manutenção dos recursos naturais para as futuras gerações (REDE SUSTENTABILIDADE, 2017).

Portanto, “[...] um empreendimento sustentável é aquela que gera lucro para os acionistas, ao mesmo tempo que protege o meio ambiente e melhora a qualidade de vida das pessoas com quem mantém interações” (SEBRAE, 2017, p. 08). Pois, se a sustentabilidade econômica for comandada exclusivamente pelo capitalismo, visando restritamente ao crescimento econômico e à eficiência produtiva, não ocorrerá desenvolvimento, apenas um crescimento limitado. É necessário perceber que “o desenvolvimento sustentável deve conciliar, por longos períodos, o crescimento econômico e a conservação dos recursos naturais” (EHLERS, 1999, p. 103).

O SEBRAE (2017, p. 09), ao considerar que o conceito de sustentabilidade econômica pressupõe o objetivo de manter o crescimento econômico, sem destruir ou prejudicar o meio (ambiental e social) em que esse crescimento econômico se dá, aponta as seguintes vantagens da sustentabilidade econômica:

- Maior economia financeira a médio e longo prazo;
- Aumento de lucros e redução do risco por meio de combate à poluição e melhoria da eficiência ambiental de produtos e processos;
- Melhora da imagem perante cidadãos e consumidores;
- Obtenção de ganhos indiretos, pois terão um meio ambiente preservado, maior desenvolvimento econômico e a garantia de uma vida melhor para as futuras gerações;

- Vantagem competitiva em relação aos seus concorrentes.

Significa operar o negócio de maneira a obter a rentabilidade esperada ao mesmo tempo que reconhece a importância de questões sociais e ambientais.

Em relação à sustentabilidade econômica do agricultor familiar:

[...] cumpre frisar que o crescimento da geração de renda oriunda da agricultura familiar ocorre a duras penas, no sentido de que os incentivos por parte dos órgãos públicos que atuam no setor, notadamente: extensão rural, pesquisa agropecuária pública e instituições públicas de financiamento, ainda estão aquém da demanda e são, muitas vezes, colocadas para atender outros objetivos” (GLÓRIA, 2015, p.25).

Por isso, é considerável o número de produtores familiares que dependem de renda de outras atividades para sobrevivência ou até mesmo para manter a sua produção agrícola. Pois como Silva e Grossi (2000, p. 139) alertam, “[...] os produtores familiares dependem cada vez mais das rendas não-agrícolas e das transferências, especialmente dos pagamentos de aposentadorias e pensões para sobreviverem”.

3.3 EMPREENDEDORISMO

Empreendedorismo pode ser definido como sendo a iniciativa para inovar, a capacidade de implementar mudanças que agregam valor ao meio que se está inserido. Dolabela (2008, p. 24) diz que “[...] o termo empreendedorismo é uma livre tradução que se faz de entrepreneurship, que contém as ideias de iniciativa e inovação”. É ainda a capacidade de gerar soluções para problemas demandados pela população, gerenciar recursos e comercializar essa solução de forma lucrativa. Portanto, uma gestão empreendedora tem um foco estratégico de se manter em longo prazo, gerando soluções, gerenciando recursos, agregando valor a produtos e serviços, assumindo responsabilidade social por suas ações e conseqüentemente buscando rentabilidade perene.

Os empreendedores são heróis populares do mundo dos negócios. Fornecem empregos, introduzem inovações e incentivam o crescimento econômico. Não são simplesmente provedores de mercadorias ou de serviços, mas fontes de energia que assumem riscos em uma economia em mudança, transformação e crescimento... agregam a liderança dinâmica que conduz ao desenvolvimento econômico e ao progresso das nações. É essa força vital que faz pulsar o coração da economia (CHIAVENATO, 2007, p. 04).

Os empreendedores, especialmente os de micro e pequenas empresas, são cidadãos que

colocam sua capacidade de trabalho, dedicação e determinação na criação de valor, riqueza e postos de trabalho. Sua atuação vai além do que fazem pessoas que precisam trabalhar para sobreviver, e, desta forma, se propõem a aceitar riscos e valorizam as conquistas (CICCONI, p. 01, 2013).

Para enfrentar de forma sustentável o mundo dos negócios se faz necessária uma gestão empreendedora, que envolve, ser inovador, criando novos projetos, atuar de forma estratégica no cenário competitivo, se adaptando às constantes mudanças de mercado.

Contrapondo isso, ocorre que muitos empreendimentos sofrem as consequências de uma gestão de subsistência, atendendo apenas a necessidade familiar, tornando-se alvo fácil, de empreendimentos maiores, que se apropriam da maior parcela do mercado e “engolem” os empreendimentos que não se inovam, que não se posicionam estrategicamente.

O GEM⁵ (Global Entrepreneurship Monitor) classifica dois tipos de empreendedores, por necessidade e oportunidade. Quando a iniciativa tem como estímulo a sobrevivência, ou seja, quando a iniciativa é resultante do desemprego ou por falta de fontes de renda, ocorre o empreendedorismo por necessidade, pois o empreendedor, neste caso, é motivado pela falta de trabalho e por oportunidades mínimas, então resolve mesmo sem planejamento adequado se aventurar a montar um negócio por questão de sobrevivência (ANDRADE, 2018, p. 24). Dornelas (2005, p. 28) complementa dizendo que no empreendedorismo por necessidade ocorre quando o “o empreendedor se aventura na jornada empreendedora mais por falta de opção, por estar desempregado e não ter alternativas de trabalho”. Assim, estando despreparado para se posicionar estrategicamente, adota uma gestão apenas de subsistência.

Quando a motivação ao empreendedorismo é resultante de uma percepção de oportunidade de mercado, ocorre o empreendedorismo por oportunidade, identificando nichos de mercado, demanda de produtos ou serviços inexistentes ou mal explorados. Vieira e Ramos (p. 10, 2013) apud Aidar diz que “[...] a oportunidade é atrativa, logo, tem potencial para gerar lucros, lucros suficientes para compensar os riscos e recompensando as expectativas, além de que as oportunidades devem ser ajustadas às capacidades, experiências e habilidades dos empreendedores”.

⁵ O GEM apura o estágio de desenvolvimento do Empreendedorismo em países que se associam à sua organização e aceitam participar das suas pesquisas anuais.

Organizações como GEM (Global Entrepreneurship Monitor), cuja missão é estabelecer critérios para medir a grau de Empreendedorismo de um país e de aplicar esse critério em diferentes países a cada ano, ajudam a criar séries históricas que permitem mostrar a evolução do Empreendedorismo no mundo (SALIM; SILVA, p. 18, 2010).

No empreendedorismo por oportunidade, corre uma gestão empreendedora, buscando resultados pessoais e coletivos. Proporcionando ao gestor satisfação pessoal, e à população benefícios que geram qualidade de vida.

Neste caso: “O empreendedor é visionário cria uma empresa com planejamento prévio, tem em mente o crescimento que quer buscar para a empresa e visa a geração de lucros, empregos e riquezas” (DORNELAS, 2005, p. 28).

O Global Entrepreneurship Monitor (GEM) 2005, resume bem quando afirma que empreendedores por oportunidade são motivados pela identificação de uma opção rentável de negócio em longo prazo, enquanto que os empreendedores por necessidade são motivados pela falta de alternativa satisfatória de trabalho e renda.

Vieira e Ramos (2013) dizem que a oportunidade é uma ideia sempre agrega valor ao seu consumidor através de produtos, serviços e procedimentos, e acrescentam:

Para iniciar um negócio por oportunidade é imprescindível, que o empreendedor tenha conhecimento dos desafios a serem enfrentados, que trabalhe suas ideias antes de as transformarem em oportunidade de negócios, além de refletir sobre onde quer chegar, sobre seus conhecimentos e competências (VIEIRA; RAMOS, 2013, p. 9).

Os empreendedores “[...] que buscam a inovação e almejam o crescimento do seu negócio são os que realmente contribuem para o crescimento e evolução social” (CICCONI, p. 02, 2013), sendo este, o empreendedor por oportunidade, que tem grande contribuição na atividade empreendedora que gera desenvolvimento local.

3.3.1 Empreendedorismo: Motor de Desenvolvimento Local

“O empreendedorismo tem ganhado merecido destaque nos meios acadêmicos, político e empresarial devido principalmente a sua grande importância para o desenvolvimento sustentável” (CICCONI, p. 01, 2013). Importância que vai além do aspecto econômico, abrangendo também o aspecto social, político, cultural e ambiental. Como aponta Dolabela (p. 24, 2008) o empreendedor é o responsável pelo crescimento econômico e pelo desenvolvimento social, que por meio da inovação, dinamiza a economia.

O GEM afirma que “[...] a criação de empresas é o instrumento mais eficaz para a geração de empregos, o crescimento econômico, o desenvolvimento local e, conseqüentemente, para combater a pobreza em uma sociedade”.

O empreendedorismo tem sido responsável por alavancar a economia dos países, pois como bem observa Cicconi (2013), após as publicações de Schumpeter⁶, em que foi analisada a ação do empreendedor e seu impacto sobre a economia, o desenvolvimento econômico passou a ser estudado sob a perspectiva da inovação e conseqüentemente do empreendedorismo. É através do potencial do empreendedor, e sua capacidade inovadora, que são encontradas soluções e oportunidades através de produtos, serviços e procedimentos que são inseridos no mercado, criando novas formas organizacionais.

O empreendedorismo torna-se um dos principais responsáveis pelos avanços da economia, é através dele que os empreendedores estão modificando sua realidade econômica dia após dia, fornecendo empregos, introduzindo inovações e incentivando a criação de novas organizações (ANDRADE, 2018, p. 13).

Leonelo e Cosac (s/d) consideram que geralmente o desenvolvimento local está associado a ações inovadoras que mobilizam a comunidade, articulando as potencialidades do local, considerando as condições do contexto em que essa comunidade está inserida. Coccine (2013, p. 6) complementa quando diz que o desenvolvimento local “[...] pode ser visto como um processo endógeno registrado em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos capaz de promover o dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população”.

Se acreditou durante muito tempo que o desenvolvimento local dependia muito mais das capacidades naturais e suas potencialidades, mas, como afirma Jará (2011), para conseguir efetivo desenvolvimento local há uma dependência maior “das capacidades humanas, de acesso à informação, articulação entre agentes econômicos e da decisão política coletiva para atrair investimentos”.

Portanto, fica evidente que para incentivo do desenvolvimento local, existe a necessidade de se desenvolver programas que favoreçam as atividades empreendedoras, porque delas dependem a criação e a sobrevivência dos pequenos negócios, que são tão fundamentais para o desenvolvimentos local.

⁶ Joseph Alois Schumpeter (1883-1950) foi um dos maiores economistas do século 20. Ele é mais famoso por sua teoria da "destruição criativa" -que sustenta que o sistema capitalista progride por revolucionar constantemente sua estrutura econômica: novas firmas, novas tecnologias e novos produtos substituem constantemente os antigos. Como a inovação acontece aos trancos e barrancos, a economia capitalista está, de forma natural e saudável, sujeita a ciclos de crescimento e implosão.

O agente deste processo revolucionário é o empresário heróico: o proprietário individual do século 19 e as grandes empresas do século 20. A inovação precisa de recompensa, daí a economia dinâmica permitir enormes lucros ao inovador. O monopólio temporário é a forma de a natureza permitir que os inovadores ganhem com suas invenções. A desigualdade de curto prazo é o preço do progresso no longo prazo. (SKIDELSKY, 2017)

Para que as comunidades consigam enfrentar os desafios e a competitividade gerados pela globalização, se faz necessária a participação das PMEs (Pequenas e Médias Empresas) no processo do desenvolvimento local, pois através delas são desenvolvidos sistemas de produção, uso adequado de mão de obra e matéria-prima sem sufocar os recursos naturais e vocações locais. A valorização das PMEs favorece obtenção de ganhos sociais, gerando empregos, renda, e conseqüentemente movimenta a economia local. (Coccine, 2013). O mesmo autor esclarece que:

O desafio está na definição de estratégias de desenvolvimento nacional, regional e local que estimulem as pequenas e médias empresas à incorporação de tecnologias de produtos, processo, de comercialização e de organização que garantam a inserção de competitividade dos produtos e dos serviços originados das pequenas e médias empresas de base local nos mercados nacionais e internacionais, com padrões de qualidade, racionalidade de uso dos fatores de produção que garantam a competitividade dos produtos nos mercados (2013, p. 6).

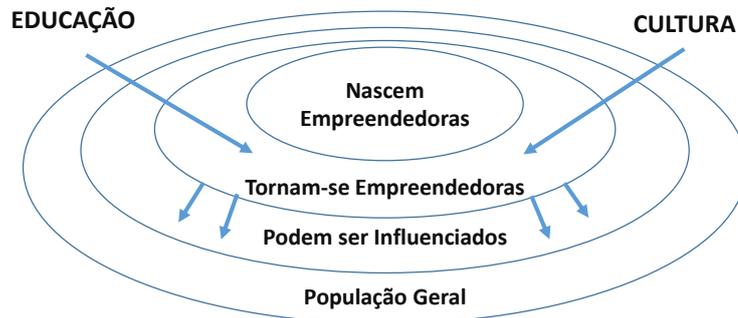
Para Costa (2009), o sucesso no mundo do empreendedorismo depende muito do empreendedor. Então, diante da importância do empreendedor para o desenvolvimento local, se faz necessária a criação de um ambiente favorável ao seu crescimento, pois, mesmo diante de todas as conquistas já adquiridas pelos empreendedores até os dias atuais, ainda é necessário um olhar dedicado por parte dos governos, em especial aos micro, pequenos e médios empreendedores, conforme afirma Coccine (2013, p. 4), “[...] entender os fatores que possibilitam o favorecimento do empreendedorismo pode ser importante, além de facilitar o planejamento e o estabelecimento de políticas públicas e educacionais”.

Reafirmando a importância do empreendedorismo para o desenvolvimento social, duas frases conclusivas de Dolabela (2008, p. 24) “[...] o conceito de empreendedorismo trata não só de indivíduos, mas de comunidades, cidades, regiões, países, implica a ideia de sustentabilidade” e “[...] o crescimento sustentável é consequência do grau de empreendedorismo de uma comunidade”.

3.3.2 Educação Empreendedora

O Brasil é reconhecido com um país com bastante iniciativa empreendedora, mas a falta de educação e cultura empreendedora aumentam o risco de mortalidade prematura das empresas. Por isso, os empreendedores necessitam de formação, orientação para não agirem sob o impulso da necessidade.

FIGURA 1 – Distribuição de empreendedores na sociedade



Fonte: Sarkar, 2014

Ao considerar esses dois grandes pilares para o desenvolvimento, a educação e o empreendedorismo, é necessário desenvolver ações que possam alinhar esses dois impulsionadores de uma verdadeira evolução. “O ensino e a pesquisa sobre Empreendedorismo ganham amplitude e dimensão a cada dia” (SALIM; SILVA, p. 13, 2010). Quando ocorre uma educação empreendedora, os resultados podem ir muito além de um crescimento econômico, pois o crescimento econômico precisa estar alinhado com qualidade de vida para quem empreende e para a população, bem como, com os recursos explorados, de forma racional e consciente, para que esse crescimento não comprometa a qualidade de vida das gerações futuras.

Cada jovem recém-formado que se torna um empreendedor nos faz acreditar que o caminho para mudar o mercado de trabalho reside na possibilidade de recriá-lo. Esta condição passa, necessariamente, pelo Empreendedorismo porque permeia a construção das habilidades e competências essenciais nas diferentes áreas de formação, para que inovar e empreender migre do campo das intenções nobres para se tornar realidade vivida (SALIM; SILVA, 2010, p. 13).

Na Educação Empreendedora, o indivíduo é levado ao autoconhecimento, e a enxergar e avaliar determinada situação, assumindo uma posição proativa frente a ela, ficando capacitado a elaborar e planejar formas e estratégias de interagir com aquilo que ele passou a perceber (SEBRAE, 2019).

A educação empreendedora é voltada para objetivos individuais e coletivos, pois proporciona ao indivíduo conhecimento e estímulo para usar seus recursos objetivando soluções, e conseqüentemente autorrealização, pois esta satisfação pessoal irá lhe proporcionar estímulo para continuar empreendendo, e servirá de exemplo aos demais. Para este fim, é necessário que o sujeito busque desenvolver novas aprendizagens, além de um espírito de coletividade. Neste contexto, a educação, deve atuar como transformadora deste sujeito,

incentivando-o a quebrar paradigmas e ao desenvolvimento de habilidades e comportamentos empreendedores (SEBRAE, 2019).

Mesmo sabendo que alguns traços do perfil empreendedor prevalecem naturalmente em algumas pessoas, “[...] o empreendedorismo pode ser cultivado e, desta forma, as características empreendedoras podem florescer” (CICCONE, 2013, p. 4).

McClelland, psicólogo organizacional, descobriu através de pesquisas uma correlação positiva entre a necessidade de realização e a atividade empreendedora. Esta característica foi identificada em empreendedores bem sucedidos. Em alguns casos, esse traço é identificado desde a infância. A notícia mais reveladora dessa pesquisa é que essas características podem ser desenvolvidas. Com base nessa descoberta, McClelland definiu um treinamento de motivação para desenvolver as características empreendedoras. O programa ficou pronto em 1985 e lançado no Brasil por meio de um convênio entre o Sebrae e a ONU (Chiavenato, 2006). Segundo David McClelland, as principais características que um empreendedor deve possuir ou desenvolver estão apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 2 – As dez características comportamentais empreendedoras identificadas por McClelland

Características Comportamentais Empreendedoras (CCE'S)	
Categoria: Desejo de Realização	
Busca de oportunidades e iniciativa	O indivíduo faz as coisas antes de ter sido solicitado, ou antes de ser forçado pelas circunstâncias; expande os negócios para novas áreas de atuação; aproveita realmente as oportunidades que surgem.
Persistência	Enfrenta os desafios das mais variadas formas e quantas vezes forem necessárias para superar os obstáculos.
Exigência de qualidade e eficiência	Procura novas formas de fazer melhor as coisas, de fazer mais rápido ou mais barato; faz as coisas de forma que supere os padrões de excelência; assegura que o seu trabalho será feito no tempo e com a qualidade combinada.
Independência e autoconfiança	Busca autonomia sobre normas e controles de outros; mesmo diante de resultados adversos mantém seu ponto de vista; demonstra confiança de sua própria capacidade.
Categoria: Planejamento e Resolução de Problemas	
Correr riscos calculados	Avalia e discute as alternativas; procura manter sempre o controle da situação para reduzir os riscos; se envolve em situações de riscos moderados.
Estabelecimentos de metas	Os objetivos e metas são desafiantes e têm um significado pessoal; as metas são claras, objetivas e definidas a longo prazo; as metas de curto prazo são mensuráveis.
Busca de informações	Procura pessoalmente todas as informações possíveis sobre o ambiente em que está inserido; busca auxílio de especialistas para obter assessoria técnica ou comercial.
Planejamento e monitoramento sistemáticos	Divide as tarefas de grande porte em subtarefas com prazos definidos; está sempre revisando os seus planos, observando as diversas variáveis que possam influenciar; faz uso de registros financeiros para a tomada de decisões.
Categoria: Influência (Capacidade de Relacionar com Pessoas)	
Persuasão e rede de contatos	Discute estratégias antecipadamente para influenciar e persuadir os outros; utiliza-se de pessoas-chave para atingir os próprios objetivos; está sempre desenvolvendo e mantendo relações comerciais.
Comprometimento	Sacrifica-se e faz qualquer esforço para completar uma tarefa; está sempre colaborando com os empregados para que o trabalho seja terminado; faz qualquer coisa para manter o cliente.

Fonte: Adaptado pelos autores de McClelland (1972).

Muitas universidades brasileiras iniciam a educação empreendedora,

[...] oferecem cursos de empreendedorismo a seus alunos de graduação e algumas têm cursos diferenciados...para alcançar os empreendedores que não fizeram nem podem

fazer cursos universitários o SEBRAE presta um serviço muito relevante, e as universidades brasileiras começam a tender a esses alunos, muitas vezes através de convênios com o SEBRAE (SALIM; SILVA, p. 237, 2010).

O SEBRAE (2017) relata que “[...] o empreendedorismo possibilita com facilidade a realização pessoal, pois é possível unir o prazer com o trabalho, este fator é o que diferencia o ato de empreender de demais trabalhos, pois quando se trabalha no que gosta, as ideias e inovações fluem”

Uma formação que desperte uma atitude empreendedora atende ao ser humano uma das suas necessidades essenciais, que é evoluir sempre, sentir-se produtivo e autorrealizado por suas próprias conquistas.

Diante do exposto e do que afirma Pablo Nogueira, (2018, p. 01) “[...] o desafio do crescimento populacional é um chamado a nos superarmos em termos de planejamento e criatividade”, concluímos que a gestão empreendedora é parte fundamental da estratégia. Pois, como previu o economista Jeffrey Timmons (1990) “O empreendedorismo é uma revolução silenciosa, que será para o século XXI mais do que Revolução Industrial foi para o século XX”.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa teve o intuito de apresentar um diagnóstico da produção familiar da Feira Agroecológica dos assentamentos Santo Antônio e Valdeci Santiago (Sítio Cochós) no município de Cajazeiras/PB, identificando se a gestão gera sustentabilidade social, alimentando de forma saudável, reduzindo os danos ambientais e ao mesmo tempo gerando lucros em longo prazo. Para tal, pretendeu-se obter dos sujeitos aspectos cotidianos e as suas práticas de gestão da área rural. Ou seja, objetivou-se envolver-se em um estudo de suas práticas, visões de mundo e perspectivas a fim de descrevê-las em seus contextos (MERRIAM; TISDELL, 2015).

De modo classificatório, esta pesquisa se enquadra em uma perspectiva exploratória, visando “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema” (GIL, 1987, p. 41). Além de aprimorar o entendimento e a “descoberta de intuições” e descritiva, pois se objetiva aqui descrever as “características de determinada população”, entendendo a preocupação com a prática (GIL, 1987, p. 41 - 42). Pode-se, também, enquadrar essa pesquisa como estudo de campo, no qual focaliza-se uma comunidade e uma atividade humana, em que o pesquisador tem uma experiência direta com o fenômeno (GIL, 1987).

A pesquisa qualitativa é preferível nesse trabalho devido ao seu caráter contextual e pelo uso de múltiplas fontes de dados; pela possibilidade de perceber melhor os significados dados pelos sujeitos da pesquisa sobre o determinado fenômeno; e, pela possibilidade de uma observação holística (CRESWELL; CRESWELL, 2017).

O estudo de campo foi realizado na Feira Sertão Agroecológico, identificando os produtos comercializados, as estratégias para agregar valor a esse produto, os parceiros que possibilitam a realização da feira, as estratégias adotadas para comercialização dos produtos, as oportunidades ainda não exploradas, bem como, as principais dificuldades enfrentadas pelos produtores.

A Feira Sertão Agroecológico, ocorre semanalmente, na sexta-feira, na praça do Pirulito na cidade de Cajazeiras, das 04h às 09h. Quando iniciou, há 12 anos, a feira funcionava no Açougue Municipal, há dois está funcionando na referida Praça.

Para um estudo mais amplo, foi realizado acompanhamento, através de observação da feira, das produções em que seus produtos são comercializados na Feira Sertão Agroecológico, sendo duas dessas produções no assentamento Santo Antônio e três no assentamento Valdeci Santiago, sítio Cochós, localizados no distrito Engenheiro Ávidos, município de Cajazeiras/PB. E ainda, levantamento de informações junto à CPT (Comissão Pastoral da Terra).

Nesse sentido, percebe-se o quanto interessante é fazer uma pesquisa nos moldes da

estratégia estudo de caso, pois o objeto de estudo desta pesquisa – que são as práticas de gestão, de produção agroecológica e de mentalidade empreendedora – se encontra em grupos de família de determinados assentamentos agroecológicos. Usou-se essa estratégia objetivando compreender uma experiência particular, por meio de interpretações realizadas no contexto, de retratação profunda da realidade de um povo, do uso de múltiplas fontes de dados e de pontos de vistas (triangulação) (VENTURA, 2007).

Para tal empreitada, utilizou-se como técnica de coleta a observação e acompanhamento das atividades da feira, de comercialização e da vida rural, e ainda, levantamento de informações junto à CPT, órgão idealizador e responsável pelo projeto da feira. A observação foi direta, não-participante, pois não se pretendia envolver-se nas atividades de produção e comercialização, mas guiar-se de um conjunto de aspectos e itens que balizará os momentos de interação, como reuniões, feira e na comunidade (FLICK, 2008; YIN, 2015).

O critério de escolha do objeto de estudo deste trabalho, a Feira Sertão Agroecológico, levou em consideração:

- A gestão empreendedora, ao considerar que o produtor ao optar pela comercialização dos seus produtos em uma feira com identidade própria (agroecologia), já traz consigo indícios de uma gestão empreendedora, pois essa conduta, torna o produtor autor de todo o processo desde a produção até a comercialização, além de agregar valor ao produto, aumentando suas possibilidades de sustentabilidade financeira. Libertando-o da negociação muitas vezes injusta com os atravessadores.
- A produção agroecológica, ao considerar que este trabalho busca identificar a sustentabilidade proporcionada pela produção sem agrotóxicos e fertilizantes, que respeita as técnicas necessárias para preservação do solo.
- As cooperativas, que podem ser instrumento valioso no processo de educação empreendedora ao homem do campo.

A análise dos dados partiu da percepção da autora sobre entendimento de gestão, empreendedorismo e das práticas de agroecologia dos assentados, sendo guiado, pelo levantamento de informações realizado na feira, nas cooperativas, nas produções. Para ajudar nessa atividade, utilizou-se da análise de conteúdo, em que foi realizada a codificação e a categorização do acompanhamento dos os processos de produção e comercialização.

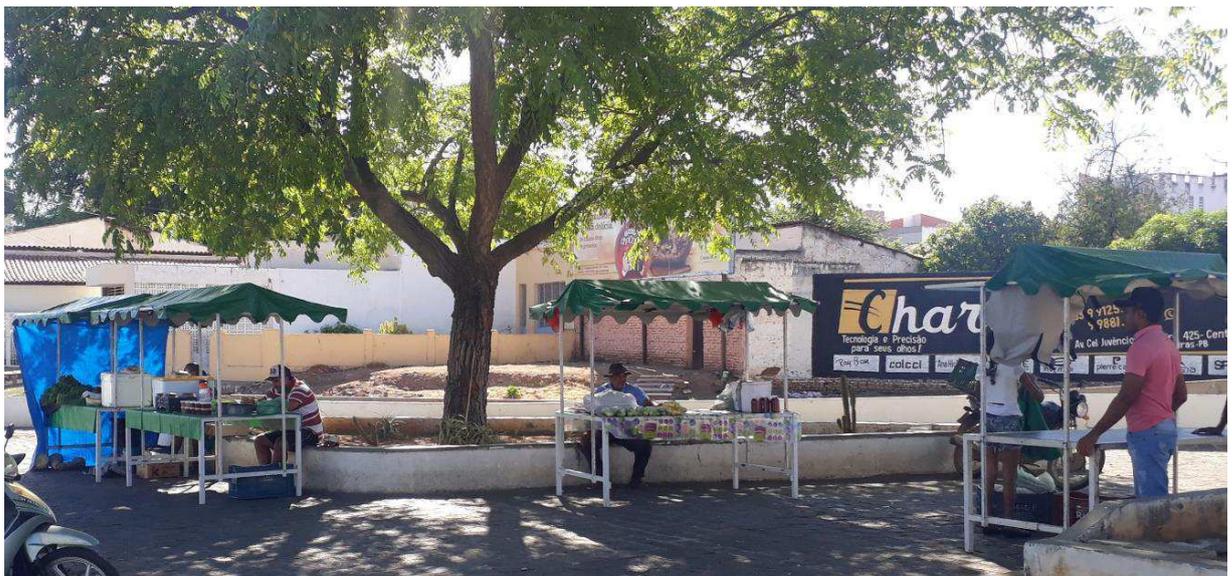
5 RESULTADOS

5.1 A FEIRA

A Feira Sertão Agroecológico iniciou suas atividades há doze anos, no Açougue Municipal de Cajazeiras, na época eram 15 feirantes com a venda de hortaliças, frutas, bolos e doces, mas o objetivo era deixar a venda dos produtos convencionais, e gradativamente ela ficou exclusivamente agroecológica. Em 2015 a feira teve suas atividades encerradas em decorrência da seca, deixando o açude do Assentamento Santo Antônio completamente sem água. Em 2017, com o aumento das chuvas, a Feira reiniciou suas atividades, nesta ocasião, objetivando maior visibilidade, a Feira passou a funcionar, na praça do Pirulito na cidade de Cajazeiras. Onde ocorre semanalmente, às sextas-feiras, das 04h às 09h, com cinco produtores, sendo dois do assentamento Santo Antônio e três assentamentos do Sítio Cochos.

Com uma demanda crescente por produtos agroecológicos, a feira tem capacidade para vinte e cinco produtores, mas acontece atualmente com apenas cinco produtores pela dificuldade em conseguir produção familiar agroecológica na região, além disso, estes produtores atuais não conseguem produzir o suficiente, se faz necessário e oportuno incentivo para que um maior número de famílias adotem o sistema de produção agroecológica.

IMAGEM 1 – A FEIRA



Fonte: Elaboração própria

A Feira foi idealizada pela CPT (Comissão Pastoral da Terra) da cidade de Cajazeiras.

Para sua reabertura em 2017 recebeu apoio da prefeitura de Cajazeiras, que disponibilizou espaço (a praça do Pirulito), as bancas, espaço para armazenamento das bancas, entre outros. A Feira tem bancas padronizadas na cor branca e lonas verdes, que ficam armazenadas no Açougue Municipal de Cajazeiras. O produtores transportam a mercadoria em carros próprios, utilizam uniforme com logotipo, o logotipo da Feira já é utilizado em alguns matérias como sacolas, uniformes, adesivos, banner.

Atualmente a demanda é crescente e os produtores não conseguem produzir volume e variedade demandada. A feira, mesmo funcionando até as às 09h, às 07h já está com quase todos os produtos vendidos.

Ainda ocorrem dois questionamentos frequentes por parte dos clientes da Feira, sendo estes considerados os maiores desafios na comercialização de produtos agroecológicos, que são: o preço de alguns produtos que são mais elevados que na feira convencional e a aparência de alguns produtos, que frequentemente, não são volumosos e brilhantes quanto os demais produtos.

A CPT, em uma ação que tem como objetivo dar maior visibilidade aos produtos agroecológicos e aos produtores, irá expor a Feira Sertão Agroecológico na Cajazeiras Expo Negócios, evento realizado pelo SEBRAE, que ocorrerá no período de 24 a 25 de outubro de 2019, com o objetivo de estimular o empreendedorismo e valorizar a economia local.

IMAGEM 2 – BANNER DE IDENTIFICAÇÃO DA BANCA



Fonte: Elaboração própria

5.2 PRODUÇÃO

5.2.1 Assentamento Santo Antônio

No assentamento Santo Antônio estão dois dos produtores da Feira Sertão Agroecológico, que mesmo enfrentando os desafios da seca que “castiga” a região, conseguem continuar presentes na feira semanalmente. Os principais produtos deste assentamento são: alface, coentro, couve folha, hortelã, cebolinha, gergelim, abóbora, feijão, tomate cereja, pimenta de cheiro, pimenta malagueta, acerola, e ainda, ovos e galinha caipira. Pelas dificuldades encontradas na produção no período de seca, os produtores estão levando produtos processados, como bolos e doces feitos com os produtos agroecológicos e adoçados com rapadura, objetivando otimizar os seus resultados. Nos anos em que a seca é mais amena, e que ocorre uma maior produção de leite, um produtor comercializa também o queijo, com fabricação própria.

Um produtor está produzindo de forma agroecológica desde o início da feira, o segundo produtor começou a produção utilizando estas técnicas neste ano de 2019.

No assentamento Santo Antônio está em realização um projeto do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) – unidade de Cajazeiras, realizado por alunos e professores juntamente a um dos produtores, que apostou no projeto, vislumbrando adquirir mais conhecimento e ampliar sua produção. Onde estão sendo implantadas tecnologias visando redução dos problemas causados pela seca. Entre essas tecnologias estão:

- Instalação de energia solar para o sistema de irrigação e para residência do agricultor;
- Sensores de umidade colocada no solo onde está a produção, objetivando acionamento automático da irrigação, com controle de consumo de água, evitando irrigação em excesso;
- Caixas d’água com bombas de controle de abastecimento.

IMAGEM 3 – PROJETO DE IRRIGAÇÃO DO IFPB



Fonte: Elaboração própria

Esse mesmo produtor que foi beneficiado com o projeto do IFPB, está investindo em uma casa e em produção renovável, contribuindo para cura do planeta e para o desenvolvimento local. Atualmente estão implantados os seguintes aspectos da sustentabilidade:

- Energia solar, originada do projeto com o IFPB, abastecendo com energia renovável, sua casa e a irrigação.
- Biogás, a produção de gás que utiliza como matéria-prima o esterco.
- Reutilização da água, que passa por dois processos de filtragem para então ser utilizada na irrigação da produção que fica em seu quintal.
- A maior parte do consumo de alimentos da família vem da sua própria produção e dos demais produtores da Feira Sertão Agroecológico.
- Na produção não utiliza agrotóxicos, nem fertilizantes;
- Pratica a policultura, ou seja, cultiva vários tipos de plantas na mesma área;
- Utiliza a prática agrícola de rotação de culturas, a cada plantação, ele muda o tipo de cultura na mesma área, exemplo: onde produziu alface, coloca couve na produção seguinte, favorecendo o sistema mais produtivo e ambiental.

Práticas identificadas nesse assentamento mostram indícios de um perfil empreendedor

desses produtores familiares, que se estimulados através de incentivos, podem potencializar este perfil empreendedor, contribuindo para a sustentabilidade em seus aspectos ambientais - reestabelecendo o equilíbrio biológico, em seu aspecto social - consumindo e oferecendo ao mercado produtos saudáveis, e ainda gerando resultados financeiros - que proporcionam qualidade de vida para os produtores e inspiração aos seus filhos.

Foi possível ainda observar e constatar, os produtores, com condições dignas de moradia, transporte próprio para o seu negócio, ofertando educação aos seus filhos, acesso à tecnologia e informação foi fator estimulante como resultado desta pesquisa nos aspectos sociais e econômicos da sustentabilidade.

Um aspecto de grande importância na identificação do comportamento empreendedor é o relacionamento que foi observado na feira com os seus clientes, onde alguns produtores estimulam seus clientes a fazerem seu pedido antecipado, o cliente além de garantir os seus produtos para o consumo semanal ainda têm a opção de entrega em domicílio, caso deseje, gerando um serviço diferenciado, proporcionando fidelização, resultado tão ambicionado na gestão empreendedora.

IMAGEM 4 – AÇÚDE DO ASSENTAMENTO SANTO ANTÔNIO



Fonte: Elaboração própria

5.2.2 Assentamentos Valdeci Santiago, Edivaldo Sebastião e Novo Horizonte

Nos assentamentos dos Sítio Cochós estão três dos feirantes. Os principais produtos são: batata doce, macaxeira, maxixe, quiabo, milho, alface, tomate cereja, coentro, banana, mamão, manga, limão, coco, coentro, e ainda, mel e ovos.

Este assentamento fica mais distante de cidade, e com acesso mais difícil, pois a estrada é de terra, portanto, os produtores dependem totalmente de veículo próprio para o transporte da mercadoria à feira. Algumas entregas em domicílio ou em mercados são realizadas de moto.

Além da dificuldade do transporte, esses produtores enfrentam o já relatado problema da seca e do sol que resseca alguns produtos. Uma necessidade para estes produtores é um poço, que possa oferecer água abundante, que não comprometa, nem limite a produção. Mas os produtores não têm recursos financeiros para aquisição.

Alguns produtores seguem o modelo agroecológico, levando para vários aspectos da sua vida, se tornando mesmo uma filosofia de vida em viver de forma saudável sem comprometer o meio ambiente, levando inclusive para toda a família, característica essencial na produção familiar agroecológica. Mas um dos produtores desse assentamento comercializa na feira convencional produtos que compra de atravessadores da Bahia. Essa conduta não é aprovada pela CPT, por considerar que compromete a sustentabilidade ambiental. Isso ocorre porque a área de produção que este agricultor possui é pequena, não permitindo que ele produza o suficiente para seu sustento. A CPT, já está estudando uma solução para esta situação, mas as terras disponíveis, não possuem água disponível para irrigação. Nas épocas mais quentes alguns produções necessitam ser irrigadas por duas horas, duas vezes ao dia, ocasionado um custo alto com energia elétrica. Em relação à energia elétrica, é outra dificuldade encontrada, pois o valor é elevado, e eles não possuem tarifa verde e não têm sistema de energia solar.

Nesse assentamento os agricultores já possuem grande experiência na produção sustentável, aprenderam a produzir através de técnicos trazidos pela CPT, que fazem visitas de treinamento e acompanhamento. Uma outra forma valiosa de aprendizado é a vivência em outras produções na Paraíba e Rio Grande do Norte. Eles fazem parcerias onde um produtor vai aprender na produção do outro, se mostrando uma forma valiosa de troca de experiência, perpetuando a cultura da produção sustentável, como também o compartilhamento de modelos de gestão.

Um dos produtores comercializa também para supermercados de Cajazeiras, principalmente folhas, mas a margem é bem inferior, veja no exemplo do coentro, que na Feira é comercializado a R\$ 1,00, para os supermercados é vendido a R\$ 0,50. Existe ainda na

comercialização uma ação empreendedora de um dos produtores desse assentamento: durante a semana o filho do agricultor vai registrando pedidos de clientes através do Whatsapp, na quinta-feira o filho faz entregas em domicílio na cidade de Cajazeiras, essa ação gera maior rentabilidade, além disso, gera satisfação e fidelização do cliente pela comodidade proporcionada.

5.3 PRODUTOS E PREÇOS COMERCIALIZADOS

QUADRO 3 - FRUTAS

PRODUTO	MEDIDA	PREÇO FEIRA AGROECOLÓGICA	PREÇO FEIRA CONVENCIONAL	DIFERENÇA R\$	DIFERENÇA %
MAMÃO	UNIDADE	R\$ 2,50	R\$ 1,50	R\$ 1,00	66%
COCO VERDE	UNIDADE		R\$ 1,20		
COCO SECO	UNIDADE		R\$ 2,00		
BANANA	DÚZIA	R\$ 5,00	R\$ 2,50	R\$ 2,50	43%
MANGA	6 UNIDADES	R\$ 5,00	R\$ 5,00	R\$ 0,00	0%
LIMÃO	12 UNIDADES	R\$ 2,00	R\$ 2,00	R\$ 0,00	0%
ACEROLA	LITRO	*	*	*	0%*

*Sem produção no período da pesquisa, em consequência da seca

FONTE: Elaboração própria

QUADRO 4 - LEGUMES/FRUTOS/RAÍZES

PRODUTO	MEDIDA	PREÇO FEIRA AGROECOLÓGICA	PREÇO FEIRA CONVENCIONAL	DIFERENÇA R\$	DIFERENÇA %
ABÓBORA	QUILO	R\$ 2,50	R\$ 2,50	R\$ 0,00	0%
BATATA DOCE	QUILO	R\$ 3,00	R\$ 3,50	R\$	
FEIJÃO	QUILO	R\$ 5,00			
MAXIXE	10 UNIDADES	*	*	*	*
MACAXEIRA	QUILO	*	*	*	*
MILHO	UNIDADE				
PIMENTÃO	3 UNIDADES	*	*	*	*

QUIABO	DÚZIA	*	*	*	*
TOMATE CEREJA	QUILO	*	*	*	*

*Sem produção no período da pesquisa, em consequência da seca

FONTE: Elaboração própria

QUADRO 5 - HORTALIÇAS

PRODUTO	MEDIDA	PREÇO FEIRA AGROECOLÓGICA	PREÇO FEIRA CONVENCIONAL	DIFERENÇA R\$	DIFERENÇA %
ALFACE	UNIDADE	R\$ 2,00	R\$ 2,00	R\$ 0,00	0%
ALFACE AMERICANA	UNIDADE	R\$ 3,00	R\$ 2,00	R\$ 1,00	50%
CEBOLINHA	UNIDADE	R\$ 1,00	R\$ 1,00	R\$ 0,00	0%
COENTRO	UNIDADE	*	*	*	*
COUVE FOLHA	UNIDADE	*	*	*	*
ESPINAFRE	UNIDADE				
HORTELÃ	UNIDADE	R\$ 1,00	R\$ 1,00*	*	*
PIMENTA DE CHEIRO	PACOTE 250GR	*	*	*	*
RÚCULA	UNIDADE	*	*	*	*
SALSINHA	UNIDADE	R\$ 1,00	R\$ 2,00	*	-100%

*Sem produção no período da pesquisa, em consequência da seca

FONTE: Elaboração própria

QUADRO 6 – OUTROS PRODUTOS

PRODUTO	MEDIDA	PREÇO FEIRA AGROECOLÓGICA	PREÇO FEIRA CONVENCIONAL	DIFERENÇA R\$	DIFERENÇA %
GALINHA	UNIDADE	R\$ 45,00	R\$ 25,00		
MEL	300 ML	R\$ 10,00	R\$ 7,00		
GERGELIM	UNIDADE		**	**	**
OVOS	12 UNIDADES	R\$ 5,00	R\$ 2,50		

*Sem produção no período da pesquisa, em consequência da seca

**Não identificado

FONTE: Elaboração própria

5.4 CPT

A Comissão Pastoral da Terra da cidade de Cajazeiras, localizada à rua Francimeire Rolim de Albuquerque, 222, no bairro dos Remédios, é a idealizadora e responsável pela Feira Sertão Agroecológico.

A CPT é uma entidade sem fins lucrativos e não governamental. Foi fundada em 1975 em Goiânia/GO para apoiar os camponeses em torno de duas motivações: a “luta pela terra” e a “luta na terra”. A Comissão Pastoral da Terra (CPT) é um serviço à causa das famílias do campo brasileiro, aos quais presta apoio e assessoria na organização em vista da defesa de seus direitos e da conquista de espaços econômicos, políticos, sociais e culturais. A realidade e os anseios dos mesmos orientam sua missão. O ponto de partida de sua ação é a experiência dos trabalhadores(as) do campo, sua fé e sua capacidade de assumir seu protagonismo. Enquanto pastoral, a CPT é um organismo de igrejas que se comprometem e colaboram com suas iniciativas, particularmente a Igreja Católica Apostólica Romana e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

A CPT Sertão/PB surgiu em 1988 e atua no território da Diocese de Cajazeiras/PB, está integrada a articulação das Pastorais Sociais da Diocese. A CPT desenvolve um trabalho pastoral e de promoção humana voltado para os povos do Campo na perspectiva da Construção da Terra Sem Males. Desde o início do seu trabalho, fruto da luta pela terra na região, foram criados 37 assentamentos de Reforma Agrária beneficiando 1.389 famílias.

Nesse caminhar, a CPT Sertão/PB desenvolve um trabalho de acompanhamento aos assentamentos que tem como centralidade a Agroecologia e a Convivência com o Semiárido, como também assessora e acompanha 11 áreas de conflitos, compreendendo acampamentos e áreas de posseiros envolvendo 943 famílias sem-terra.

5.5 MAIORES DESAFIOS ENFRENTADOS NA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS AGROECOLÓGICOS NO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS

Tamanho e Aparência dos Produtos – por não serem usados fertilizantes na produção, os produtos agroecológicos apresentam em sua maioria um tamanho menor em relação aos produtos da agricultura moderna. Além disso, possuem uma aparência menos atrativa. Essas características dificultam a comercialização, pois os clientes fazem comparação imediata aos produtos convencionais comercializados na Feira das Frutas na Praça Coronel Matos, nos Supermercados e Lojas de Hortifruti do município de Cajazeiras.

Preço dos produtos – existe uma crença que os produtos agroecológicos sempre são mais caros, o que nem sempre ocorre, podendo ser identificado no item 4.3 deste trabalho, onde em alguns são até mais baratos. Além disso, é de extrema importância que o governo desenvolva campanhas de conscientização da alimentação como prevenção na geração de qualidade de vida. Pois os benefícios proporcionados, o tempo e os recursos financeiros despendidos para conseguir produzir de forma agroecológica justificam a diferença de preços, até mesmo para que o produtor possa cobrar um preço justo e sinta-se estimulado a persistir nessa prática.

Não conseguir produzir o suficiente para sustento da família – um dos produtores tem uma banca de vendas também na feira de produtos da agricultura convencional que ocorre na Praça Coronel Matos, aos sábados, onde ele comercializa o que sobra dos produtos agroecológicos (quando sobra) e, principalmente, produtos da agricultura moderna, comprado de atravessadores.

Não uso dos agrotóxicos – apresentado como um dos principais benefícios, que é a não utilização de agrotóxicos na produção agroecológica, este é também um dos maiores desafios encontrados pelos produtores. Sendo também um dos principais fatores de não adesão à produção agroecológica, porque, muitas vezes, essas são práticas incapazes de enfrentar a quantidades de pragas que atacam e destroem as produções, entre elas, uma que se destaca por sua resistência e capacidade de destruição é a Bemisia Tabaci, mais conhecida como mosca branca. Na imagem 5 uma demonstração de um pé de acerola, em uma das produções do assentamento Santo Antônio. Atualmente as estratégias adotadas pelos produtores são oriundas dos projetos das cooperativas.

IMAGEM 5 – FOLHA DO PÉ DE ACEROLA COM DANOS DA MOSCA BRANCA



Fonte: Elaboração própria

Seca do Sertão Paraibano – a falta d’água e o calor são fatores agravantes no processo de produção agroecológica. Pois, são mais dificuldades que estas produções precisam superar. Nos períodos mais quentes, alguns produtos não resistem ao calor, não chegando à sua fase de produção de frutos. Um exemplo importante é o pimentão, sendo o produto que mais acumula agrotóxicos, conforme demonstra o relatório da ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) de 2015, que 89% das amostras foram consideradas insatisfatórias pela alta concentração de agrotóxicos. É portanto, um dos mais procurados, na sua versão orgânica, pelos clientes que estão preocupados com qualidade de vida. Na imagem 6, pode ser identificado um pé de pimenta de cheiro, resistindo ao calor, mas sem produção. E um pé de pimenta malagueta, na imagem 7, com pimentas muito pequenas e ressecadas. Existe ainda o risco queimadas, provocadas pela seca.

IMAGEM 6 – PÉ DE PIMENTA DE CHEIRO



Fonte: Elaboração própria

IMAGEM 7 – PÉ DE PIMENTA MALAGUETA



Fonte: Elaboração própria

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para estimular a produção agroecológica na região pesquisada, que possa levar a feira a atingir o seu potencial, é necessário um trabalho de conscientização em duas vertentes:

- De um lado, o produtor, que tenha acesso à recursos, financeiros, tecnológicos e científicos, capacitando-o a amenizar as dificuldades aqui apresentadas. Desenvolver ainda nos autores desse processo a conscientização da sua importância para o desenvolvimento local e sua contribuição para salvar o planeta
- Do outro lado um trabalho de conscientização com a população local, estimulando-os a investir em prevenção, deixando- os despertos para uma despesa em alimentação saudável como forma de investimento em qualidade de vida, prevenindo doenças e consequentemente reduzindo a possibilidade de gastos com possíveis tratamentos futuros.

Importante trabalhar a gestão empreendedora em seu aspecto mercadológico, criando campanhas em relação a aparência dos produtos orgânicos, conscientizando que a aparência e tamanho convidativos dos produtos da agricultura convencional são consequências de uso excessivo de produtos químicos. Pode ser trabalhado como apelo, o aroma e sabor insuperáveis dos produtos saudáveis.

Outro apelo com muita força na atualidade, é ampliar a divulgação de que o consumo de produtos oriundos da produção sustentável é também uma contribuição para a preservação do meio ambiente, sendo uma parcela de contribuição na desafiante tarefa de salvar o planeta e alimentar de forma saudável a população crescente.

A questão diagnosticada de alguns produtores não conseguirem produzir o suficiente para sustento da família é tema relevante, pois, ao buscar outras fontes de renda, este produtor pode se sentir desestimulado a persistir na agricultura sustentável.

Identificar, que produtos tão importantes na produção agroecológica, a exemplo do pimentão, não está sendo produzido por falta de recursos, deve ser encarado como um desafio a ser superado imediatamente. Neste aspecto, uma característica empreendedora essencial é a de busca de oportunidade e iniciativa, objetivando encontrar uma solução para este problema, o empreendedor age identificando necessidades para em seguir buscar informações para gerara soluções através de serviços e produtos.

Um produto que pode ser comercializado na feira como divulgação e fortalecendo a causa ecológica é bolsa reciclada e retornável, reduzindo o uso de sacolas.

O uso de técnicas simples e baratas podem ser utilizadas para amenizar os danos

causados pela seca, como o uso de sombritos, solução identificada numa das visitas por ser adotada por um dos produtores.

A energia solar e poços artesianos se mostram como dois grandes aliados como recursos que podem aumentar a produção, reduzindo custos, gerando melhores resultados, portanto contribuindo para o aspecto econômico da sustentabilidade.

Durante a pesquisa um empreendedor do setor de serviços foi convidado a visitar a produção, onde o mesmo sensibilizado pela causa ambiental, e ciente do quanto esta causa pode agregar valor à sua marca, ofereceu recursos como forma de investimento e incentivo à permanência e crescimento da produção agrícola familiar sustentável. A iniciativa privada deve ser envolvida neste processo, gerando mais oportunidades ao produtor, e utilizando a agroecologia como gerador de valor para o seu negócio.

Para que não haja comprometimento do aspecto agroecológico e que a imagem da feira possa ser fortalecida, é necessário oferecer condições de produção mesmo no período da seca dificuldades encontradas na produção no período de seca, para evitar a venda produtos processados, como bolos e doces feitos com os produtos agroecológicos, mas também com matéria-prima como açúcar e farinha de trigo.

Com uma demanda crescente, onde os produtores atuais não conseguem produzir o suficiente, e com a feira com capacidade para 25 produtores, se faz necessário e oportuno o incentivo a novos produtores. Os casos de produtores que estão conseguindo aumentar sua capacidade produtiva, levando o conhecimento técnico e científico, através de parcerias, para a sua produção e seu lar, devem ser amplamente utilizados como exemplo de comportamento empreendedor exitosos para inspirar jovens a creditarem na vida com campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Albino Rodrigues; MOTA, José Aroudo. **Sustentabilidade ambiental no Brasil: biodiversidade, economia e bem-estar humano** / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. – Brasília: Ipea, 2010. 640 p.: gráfs, mapas, tabs. (Série Eixos Estratégicos do Desenvolvimento Brasileiro; Sustentabilidade Ambiental; Livro 7).

ANDRADE, Maria Francisca Alves de. **CASA DO EMPREENDEDOR: INCENTIVO AO EMPREENDEDORISMO E DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO NO MUNICÍPIO DE UIRAÚNA - PB**. 2018

ARAÚJO, Joaquim Pinheiro de; MAIA, Zildenice Matias Guedes. **AGROECOLOGIA, SOBERANIA ALIMENTAR E COMERCIALIZAÇÃO SOLIDÁRIA NA FEIRA AGROECOLÓGICA DE MOSSORÓ-RN: O ENLACE DA SUSTENTABILIDADE**. Raízes v.32, n.2, jul-dez / 2012.

BAIARDI, Amilcar; MENDES, Fabihana Souza; MENDES, Janusia Souza. **AGRICULTURA SUSTENTÁVEL E BIOTECNOLOGIA: REFLEXÕES SOBRE A POLÍTICA AGRÍCOLA E PARA A POLÍTICA DE CIÊNCIA**, 2010. UFRB, SALVADOR - BA - BRASIL; UEFS, FEIRA DE SANTANA - BA - BRASIL. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/15/985.pdf>. Acesso em: 18.09.2019, às 22h10

BEBER, Ariana Oliveira. **Turismo Rural na Agricultura Familiar (TRAF). Portal da Educação. Disponível em** <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/turismo-e-hotelaria/turismo-rural-na-agricultura-familiar-traf/48681>. Acesso em 20 out. 2019, às 17h59.

BLOG GEBANA BRASIL. **O que é agricultura familiar?** Disponível em: <https://blog.gebana.com.br/o-que-e-a-agricultura-familiar/>. Acesso em: 19 ago. 2019.

BORGES, Maria da Gloria Borba. **Estudo sobre a sustentabilidade: aspectos socioeconômicos e ambientais em cinco associações de apicultores no sertão da Paraíba /** – Pombal, 2015. 62 fls.

BRASIL. **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm. Acesso em 20.10.2019, às 09h00

CÂNDIDO, Gesinaldo Ataíde; LIRA Waleska Silveira (Organizadores) [et al.]. **Gestão sustentável dos recursos naturais: uma abordagem participativa/** Campina Grande: EDUEPB, 2013. 326 p. : il.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Em defesa de um Plano Nacional de Transição Agroecológica: compromisso com as atuais e nosso legado para as futuras gerações**. Brasília, 2008. 35 p.

CAPORAL, Francisco Roberto; AZEVEDO, Edisio Oliveira de. **PRINCÍPIOS E PERSPECTIVAS DA AGROECOLOGIA**. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARANÁ – EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2011.

CAVALCANTE, Talita. **Países devem investir em inovação para agricultura familiar, alerta FAO.** Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-10/paises-devem-investir-em-inovacao-para-agricultura-familiar-alerta-fao>. Acesso em: 14.10.2019, às 06h26.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor: empreendedorismo e viabilidade de novas empresas: um guia eficiente para iniciar e tocar seu próprio negócio** / Idalberto Chiavenato. - 2.ed. rev. e atualizada. - São Paulo: Saraiva, 2007.

CICCONI, Eduarco Garbes. **Gestão da Inovação e Empreendedorismo.** O empreendedor no Brasil. COSTA. Geciane. (Org). Administradores, 2009. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/artigos/as-caracteristicas-e-o-perfil-do-empreendedor/24327/>. Acesso em: 17 ago. 2019.

COUTINHO, Antonio Mario Reis de Azevedo. **Desenvolvimento Sustentável da Agricultura.** 2011. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2011/08/03/desenvolvimento-sustentavel-da-agricultura-artigo-de-antonio-mario-reis-de-azevedo-coutinho/>. Acesso em: 25 ago. 2019, às 05h20.

DELLA VECHIA, J. F.; CRUZ, C.; SILVA, A. F.; CERVEIRAJR, W. R.; GARLICH, N. **Macrophyte bioassay applications for monitoring pesticides in the aquatic environment. Planta Daninha**, v. 34, n. 3, p. 587-603, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-83582016340300021>. Acesso em: 30.09.2019, às 21h59

DOLABELA, Fernando. **O Segredo de Luísa.** Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios.** 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

EHLERS, Eduardo. **Agricultura sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma.** 2. ed. Guaíba: Agropecuária. 1999.

FAO/INCRA, 1994 (Adaptado) In: **Informe Agronegócio.** Brasília: Instituto Interamericano de cooperação para a agricultura, 2006, p. 72.

FOLEY, Jonathan A. **Podemos alimentar o mundo e salvar o planeta?** Scientific American Brasil, 2018.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira. **Revolução Verde.** Disponível em: <https://alunosonline.uol.com.br/geografia/revolucaoverde.html>, acesso em: 29 set. 2109.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM). **Empreendedores no Brasil: relatório executivo.** Curitiba, 2006. Disponível em: <http://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2016/09/Empreendedorismo-no-Brasil-2005-Relat%C3%83%C2%B3rio.pdf>. Acesso em 20 set. 2019, 20h34.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade.** Universidade Estadual de Campinas Universidade Nove de Julho. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011.

GUILHOTO, J. J. M.; ASSUMPCÃO M.; MÓDOLO, D. B.; IMORI, D. **O PIB do Agronegócio no Brasil e no Estado da Bahia.** In: Anais do XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2007. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/6/575.pdf>. Acesso em 01 out. 2019, às 22h

INCA – Instituto Nacional de Câncer. **Agrotóxico.** 2019. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/exposicao-no-trabalho-e-no-ambiente/agrotoxicos>. Acesso em: 06 out. 2019, às 09h05

JARA, C. Júlio. **A sustentabilidade do desenvolvimento local.** Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA). Recife: Secretaria do Planejamento do Estado de Pernambuco-Seplan, 2008.

JUNIOR, Vicente Maia Pinto. **SUSTENTABILIDADE AGROPECUÁRIA EM QUATRO MUNICÍPIOS DO SERTÃO PARAIBANO.** 2016.

LEONELO, João Carlos; COSAC, Claudia Maria Daher. **O ASSOCIATIVISMO COMO ALTERNATIVA DE DESENVOLVIMENTO LOCAL E SUSTENTABILIDADE SOCIAL.** Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/joaocarlosleonelloeclaudiamariadahercosac.pdf>. Acesso em: 05 out. 2019, às 20h18.

LOPES, Carla Vanessa Alves; ALBUQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti de. **Agrotóxicos e seus impactos na saúde humana e ambiental: uma revisão sistemática.** SAÚDE DEBATE | RIO DE JANEIRO, V. 42, N. 117, P. 518-534, ABR-JUN 2018.

LOURENZANI, W.L.; et al. **A qualificação em gestão da agricultura familiar: A experiência da Alta Paulista.** Rev. Ciênc. Ext. v.4, n.1, p.62, 2008.

MANFRIN, Juliane; BERNARDY, Rógis Juarez; BENCKE, Fernando Fantoni. **EMPREENDEDORISMO NA AGRICULTURA FAMILIAR: O CASO EDUVAVI.** RGO - Revista Gestão Organizacional, Chapecó, v. 12, n. 1, p. 140-151, jan./abr., 2019

NASCIMENTO, L. F. Gestão ambiental e sustentabilidade. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração / UFSC. Brasília: CAPES: UAB, 2012.

NOGUEIRA, Antonio Carlos Lima; SCHMUKLER, Adolfo. **Os Pequenos Produtores Rurais e a Sustentabilidade.** Disponível em: <https://www.portaldoagronegocio.com.br/artigo/os-pequenos-produtores-rurais-e-a-sustentabilidade>. Acesso em: 15 set. 2019, às 15h23.

NOGUEIRA, Pablo. **Um teste da capacidade humana de se reinventar.** Scientific American Brasil, Ed. 02. Dossiê do Futuro da Alimentação. Outubro de 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA (FAO) E ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **PANORAMA DA SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL. SISTEMAS ALIMENTARES SUSTENTÁVEIS PARA ACABAR COM A FOME E A MÁ NUTRIÇÃO.** Sumário executivo. Santiago, 2017. Disponível em: <http://www.fao.org/3/a-i6977o.pdf>. Disponível em: 20 out. 2019, às 21h16.

ONU, 2017. **ARTIGO: Agricultura familiar promove desenvolvimento rural sustentável e a Agenda 2030**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/artigo-agricultura-familiar-promove-desenvolvimento-rural-sustentavel-e-a-agenda-2030/>. Acesso em: 29 set.2019,

PENNA, Carlos Gabaglia. 2009. **A Revolução Verde é Insustentável**. Disponível em: <https://www.oeco.org.br/colunas/carlos-gabaglia-penna/21480-a-revolucao-verde-e-insustentavel/>. Acesso em: 21 set. 2019, às 05h50

PINTO JUNIOR, V. M. **Sustentabilidade agropecuária em quatro Municípios do Sertão paraibano**. 2016. 40 f Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Dissertação (Mestrado em Sistemas Agroindustriais – PPGSA). 2016.

PRIMATO COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL. Cooperativismo. Disponível em: <https://primato.com.br/cooperativismo/>. Acesso em: 18 out. 2019, às 20:36h

REDE SUSTENTABILIDADE. **Sustentabilidade econômica**: como sua empresa pode ser mais lucrativa com a sustentabilidade. 2016. Cuiabá, MT: Sebrae, 2017. 55p.:Il. Color.

SALIM, Cesar Simões; SILVA, Nelson Caldas. **Introdução ao Empreendedorismo**: despertando a atitude empreendedora. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

SAVOLDI, Andréia; CUNHA, Luiz Alexandre. **UMA ABORDAGEM SOBRE A AGRICULTURA FAMILIAR, PRONAF E A MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA NO SUDOESTE DO PARANÁ NA DÉCADA DE 1970**. In: Revista Geografar - Curitiba, v.5, n.1, p.25-45, jan./jun. 2010 –

SANTOS, Eliane Silva dos; FELÍCIO, Munir Jorge. **Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão, Presidente Prudente**, 21 a 24 de outubro, 2013 Colloquium Humanarum, vol. 10, n. Especial, Jul–Dez, 2013, p. 170-176. ISSN: 1809-8207. DOI: 10.5747/ch.2013.v10.nesp.000446 O AVANÇO DO CAPITALISMO NA AGRICULTURA E A RECRIAÇÃO DO CAMPESINATO.

SARKAR, Soumodip. **Empreendedorismo e Inovação**. 3 ed. Revista e aumentada. Escolar Editora, 2014.

SEBRAE. **As principais diferenças entre associação e cooperativa**. 2019. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/artigosCoperacao/entenda-as-diferencas-entre-associacao-e-cooperativa,5973438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD>. Acesso em: 18 out. 2019, às 20h00.

SEBRAE. **Sustentabilidade econômica**: como sua empresa pode ser mais lucrativa com a sustentabilidade / Cuiabá, MT: Sebrae, 2017. Disponível em: http://sustentabilidade.sebrae.com.br/Sustentabilidade/Para%20sua%20empresa/Publica%C3%A7%C3%B5es/6-Sustentabilidade-Economica_MIOLO-final.pdf. Acesso em: 13 out. 2019, às 17h20

SEBRAE. **Educação Empreendedora**. Disponível em: <zttp://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sc/sebraeaz/educacao-empreendedor,2441c681608f7510VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 19 set.

2019, às 15h01.

SEBRAE. **Disciplina de empreendedorismo**. São Paulo: Manual do aluno, 2007.

SILVA, José Graziano da; GROSSI, Mauro Eduardo Del. **A evolução da agricultura familiar e do agribusiness nos anos 90**. In: RATTNER, Henrique. Brasil no limiar do Século XXI: Alternativas para a construção de uma sociedade sustentável. São Paulo, ed. USO, 2000.

SKIDELSKY, Robert. **Quem foi Joseph Schumpeter, o teórico da "destruição criativa"?** Revista Prospect, 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/prospect/2007/11/29/ult2678u129.jhtm>. Acesso em: 18 out.2019, às 18h.

SOARES, Danilo de Medeiros Arcanjo et al. **Pesquisa de Mercado e Composto de Marketing em Hortaliças Agroecológicas**. 2017

SOUSA, Fernando Chagas de Figueirêdo. **Reúso de água na agroindústria como estratégia de convivência no semiárido paraibano**. Pombal, 2018

VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Algumas reflexões sobre a polêmica agronegócio versus agricultura familiar**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2008.

VIEIRA, Keila Apoliana Aparecida; RAMOS, Marco Aurélio. **EMPREENDEDORISMO POR OPORTUNIDADE OU POR NECESSIDADE? UM ESTUDO COMPARATIVO COM EMPREENDEDORES DO SETOR DE TRANSPORTES DO MUNICÍPIO DE VESPASIANO – MG**. IX CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO 20, 21 e 22 de junho de 2013.

ZENONE, Luiz Claudio; DIAS, Reinaldo. **Marketing Sustentável: valor social, econômico e mercadológico**. São Paulo: Atlas, 2015.

VILELA, Sergio Luiz de Oliveira; DELGADO, Guilherme Costa; BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira (orgs.). **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro**. In: Ministério do Desenvolvimento Agrário. Brasília, 2017.